



## Textos para Seletiva de Teatro

- 01) O DIÁRIO DE ANNE FRANK (1 CASAL)
- 04) A MORTE DE DANTON (2 HOMENS)
- 05) FIGARO (1 CASAL)
- 07) O DELATOR (1 CASAL)
- 09) ATOR – MENTADO (1 HOMEM)
- 13) NO NATALA GENTE VEM TE BUSCAR (2 MULHERES)
- 15) DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA (2 HOMENS)
- 19) A MULHER SEM PECADO (1 CASAL)
- 28) WOYZECK (1 CASAL)
- 29) LUA NUA 1 CASAL)
- 30) ALBUM DE FAMÍLIA (2 MULHERES)
- 31) ELES NÃO USAM BLACK TIE (2 MULHERES)
- 32) ENTRE QUATRO PAREDES (1 CASAL)
- 33) BODAS DE SANGUE (1 CASAL)
- 34) GOTA D'ÁGUA (1 CASAL)
- 35) LEMBRANÇAS DA CHINA (1 CASAL)
- 36) MADEMOISELLE CHANEL (1 MULHER)
- 39) ÓPERA DO MALANDRO (1 CASAL)
- 40) CASA DE BONECAS (1 CASAL)
- 43) SOBRE A INFANTICIDA MARIA FARRAR (1 MULHER)
- 44) A ESTRELA DA CANÇÃO (1 MULHER)
- 45) AMÁLIA, ESTRANHA FORMA DE VIDA (1 MULHER)
- 46) MONÓLOGO DAS MÃOS (1 HOMEM ou 1 MULHER)
- 47) POEMA DO MENINO JESUS (1 HOMEM ou 1 MULHER)
- 48) O TEATRO RADICAL ( 1 HOMEM OU 1 MULHER)
- 49) AMOR (1 MULHER)

- 50) PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM (1 MULHER OU HOMEM)
- 51) MONÓLOGO PARA UMA ÚNICA PERSONAGEM (1 MULHER OU HOMEM)
- 52) LAÇOS DE SANGUE (1 MULHER)
- 53) O QUE HÁ DE NOVO, BETTE DAVIS? (1 MULHER)
- 54) RASGA CORAÇÃO (2 HOMENS)
- 55) RETIRO DOS SONHOS (1 CASAL)
- 56) RODA VIVA (2 MULHERES OU 1 CASAL)
- 57) O ÚLTIMO ENCONTRO (1 CASAL)
- 58) A RESISTÊNCIA (1 CASAL)
- 59) PEGA FOGO (1 MULHER)
- 60) A DAMA DAS CAMÉLIAS (1 CASAL)
- 61) O ABAJOUR LILÁS ( 1 CASAL)
- 62) CORDÃO UMBILICAL ( 1 CASAL)
- 63) A PARTILHA (2 MULHERES)
- 64) A SERPENTE (1 CASAL)
- 65) O CASAMENTO SUSPEITO ( 1 CASAL)
- 66) O CAVALINHO AZUL (2 HOMENS)
- 67) UMA CONSULTA ( 1 CASAL)
- 68) BRASIL S/A (DOIS HOMENS)
- 69) DIA DE ESTRELA (1 CASAL)
- 70) O MILAGRE NA CELA ( 1 CASAL)
- 71) A ESCADA (2 MULHERES)
- 72) O SANTO INQUERITO ( 1 CASAL)
- 73) A MORATÓRIA (1 CASAL)
- 74) A BULA (1 CASAL)
- 75) A VISITA DA VELHA SENHORA (1 CASAL)
- 76) VOLTA AO LAR (2 HOMENS)
- 77) ARLEQUIM SERVIDOR DE DOIS AMOS ( 1 CASAL)
- 78) O ARQUITETO E O IMPERADOR DE ASSÍRIA ( 2 HOMENS)
- 79) É (1 CASAL)
- 80) REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL (1 CASAL)
- 81) O RELACIONAMENTO (1 CASAL)

# 1

## O DIÁRIO DE ANNE FRANK

de: Francis Goodrich e Albert Hackett

Personagens:

Peter

Anne

(1 casal)

A: Peter, sabe que a Senhora Van Daan disse? Que eu não devia vir no teu quarto, que no tempo dela as moças não andavam atrás dos rapazes. (uma pausa. Ele a olha ela se senta perto dele) Você gosta de minha irmã, não é? Você gostou dela assim que a conheceu. De mim, não.

P: Não sei.

A: Não faz mal. Ela tem bom gênio, é alegre, é bonita. Eu não.

P: Ora, não é isso.

A: Sei muito bem. Sei que não sou bonita e nunca serei.

P: Eu acho você bonita.

A: Mentira.

P: Você mudou; não é como antes.

A: Como?

P: Você está...não sei...mas quieta.

A: Acho que quando sair daqui você nem vai mais pensar em mim.

P: Isso é bobagem.

A: Quando você voltar para junto de seus amigos, dirá: não sei que graça achei naquela bobinha.

P: Não tenho amigos.

A: Ora, Peter, todo mundo tem.

P: Menos eu.

A: Pensei que eu fosse sua amiga.

P: Você é diferente; se todos fossem iguais a você...

A: (O Hannukah cessa aqui. Depois de uma pausa) - Peter, você já beijou alguma menina?

P: Uma vez.

A: Era bonita?

P: Não sei. Foi numa festa. Foi naqueles jogos de prendas.

A: Ah, então não vale, não é?

P: Acho que não.

A: Já me beijaram duas vezes. Uma vez foi um homem que eu não conhecia; eu tinha caído na neve, estava chorando e ele me levantou do chão. Outra vez um amigo de papai me beijou a mão. Também não vale, não é?

P: Também, não.

A: Eu também acho; minha irmã jamais beijaria alguém se não fosse noiva dele. E sei que mamãe também nunca beijou outro homem além de papai. Mas eu não sei... está tudo tão mudado. Você não acha? É tão difícil a gente saber o que tem de fazer quando o mundo inteiro está caindo aos pedaços... ninguém sabe como será o dia de amanhã... Diz!

P: Depende muito da pessoa (O carrilhão começa a bater nove horas) - Não sei, mas acho que quando duas pessoas...

A: Nove horas, tenho de ir.

P: É.

A: Boa noite.

P: Boa noite. Não deixe de vir amanhã.

A: Não. Acho... acho que vou trazer o meu diário. Escrevi uma porção de coisas sobre você.

P: Bem ou mau?

A: Você vai ver. Eu... eu antes não ligava muito para você.

P: Você mudou ao meu respeito, como eu mudei com você?

A: Eu... você vai ver.

(Pausa. Eles se olham, depois ele a beija. Ficam abraçados enquanto o relógio bate nove horas).

## 4

### A MORTE DE DANTON

De: Büchner

Personagens:

Danton

Lacroix

(2 homens)

L: Fizeste melhor figura no tribunal do que aqui na cadeia Danton. Gritastes bem no tribunal: “com o ouro dos ricos minha voz forjou armas para o povo. Alimentei a cria recém nascida da Revolução com as cabeças decepadas dos aristocratas.” Foi brilhante, Danton.

D: Não vou morrer menos por isso Lacroix.

L: Mas é a glória eterna, Danton. Durante séculos representarão essa cena com você como herói.

D: Prepare-se você também. Glória ou não glória já ouço os passos do carrasco; Vem buscar nossas brilhantes cabeças.

L: Eles tem medo de você, Danton; por isso te matam.

D: Gostaria de ter agora tranquilidade.

L: A tranquilidade está em Deus. Já a terás.

D: Para mim não há Deus nem tranquilidade, eu sou ateu.

L: Eu não queria morrer.

D: Também não quero morrer Lacroix! Não podemos desaparecer! Temos de gritar! (Grita) Eles terão que arrancar cada gota de meu sangue, uma a uma.(Pausa) Eu queria morrer de outra maneira; sem fadiga, sem dor, assim como cai uma estrela, como expira um som, matar-me com beijos de meus próprios lábios, morrer como morre um raio de luz em águas límpidas, (Ouve-se um ruído) Quem vem lá?

L: O carrasco. (Pausa) Transformamos a liberdade numa puta que anda de mão em mão.

D: A liberdade e a puta são as coisa mais cosmopolitas debaixo do sol. Agora a liberdade vai dormir no leito de Robespierri. Mas esse não tem mais que seis meses de vida, logo nos seguirá.

L: Que importa agora? Nós todos podíamos ter sido amigos, podíamos ter rido juntos...

D: Quando um dia a História abrir nossas sepulturas, o despotismo ficará sufocado com mal cheiro de nossos cadáveres.

L: Façamos uma cara digna para a posteridade. É chegada a nossa hora. Vamos, Danton, coragem! As rodas da carroça que nos leva à guilhotina abrem as estradas por onde os inimigos vão penetrar no coração da França. é a ditadura. Rasgou-se o véu, levanta a cabeça, marcha sobre nossos cadáveres.

D: (depois de longa pausa, levanta a cabeça e canta baixinho)

Allons enfants de la patrie...

L: Le jours de gloire est arrivé...

D e L: Contre nous de la tyrannie

L’etendard sanglant est levé

L’etendard sanglant est levé

**FIGARO**

De: Beaumarchais.

Personagens:

Figaro

Linda

(1 casal)

F: Dezenove pés por...vinte e seis (andando como se estivesse medindo uma sala)

L: Ouve Figaro noivinho querido; fico bem assim? (experimentando a flor de laranjeira)

F: Linda meu amor; essa flor de laranjeira em tua frente, na manhã de nossas núpcias, é uma visão de doçura e encanto para o teu esposo enamorado (dá-lhe um beijo e depois continua a medir)

L: Que é que você tanto mede?

F: Estou vendo se a magnífica cama que o Conde nos deu de presente cabe aqui.

L: Neste quarto?

F: Ele nos deu também esse quarto.

L: E quem vai dormir aqui? Eu não!

F: Pela virgem! As pessoas que não ambicionam nada e não arriscam nada, não serve para nada! Este é o quarto mais confortável do palácio. Está exatamente junto dos aposentos do Sr. Conde e da Sra Condessa. Assim, se a Condessa se indis põe às duas horas da manhã, - Zás! - Em um salto estas lá. E se à noite o Sr. Conde deseja alguma coisa, - Crac! - Em três saltos, eis-me diante dele.

L: Mas se de manhã bem cedinho ele te manda levar um recado bem longe, - Zás! - Em três saltos está na minha porta e - Crac! - em um salto está na minha cama.

F: Que queres dizer com isso?

L: Que, meu bom amigo, o Sr. Conde cansado de namorar todas as beldades das redondezas, deseja voltar para o castelo, para o lar... mas não para o seu quarto. Compreendes! (Cara espantada de Figaro) - Tu pensavas, meu divino amor, que o dote que ganhamos foi por tua bela cara? (Cara imbecil de Figaro) Pois saiba, meu bom amigo, que o dote era para que eu concedesse ao Conde um pequeno quarto de hora; o direito das primícias dos antigos senhores!

F: Por isso foi abolido! Se o próprio Conde não tivesse abolido essa...sórdida...prerrogativa de seus antepassados, eu não me casaria contigo em seus domínios.

L: Bem, se aboliu, já desaboliu de novo. E é com a tua noivinha que deseja fazer voltar a lei secretamente.

F: Assim o libertino deseja hoje o que a cerimônia só permitirá a mim amanhã? O sacripanta! E eu que agora mesmo o surpreendi no quarto de Frasquita!

L: Se é que não foi você o surpreendido!

F: E tal a minha fúria que sinto estalar-me a testa! (Põe a mão na testa)

L: Não diga isso a ninguém! Pois a gente que é agoureira dirá logo que isso é...

F: Tu te ris? Pois bem! Já estou pensando num jeito de enganar um enganador e agredi-lo com os chifres com o que me presenteia. Vem cá, dá-me um beijo para aguçar o meu engenho. (Beijam-se: e ela sai) - Ah, Sr. Conde! Sr, Conde! Quer então que eu tome mulher para saciar a sua gula!? Eu já não entendia porque, me tomando como criado, vossa senhoria me tratava como embaixador. Quer dizer que enquanto eu corro por um lado, o Sr. empurra minha mulher pelo outro? Enquanto eu me mato feito louco para conforto e bem estar da sua família, Vossa excelência se interessa pelo crescimento e multiplicação da minha? Que generosa reciprocidade! Que f...que f... Ah, deixa pra lá.

**O DELATOR**

De: Bertolt Brecht

Personagens:

Pai

Mãe

(1 casal)

M: Onde está Klaus? Klaus! Onde é que se meteu esse menino?

P: Por que você está tão nervosa? Só porque o menino saiu?

M: Eu não estou nervosa. Você é que está nervoso. Anda tão desconfiado...

P: Estou o que sempre fui, mas o que tem isso a ver com a saída do menino?

M: Você sabe como são as crianças. Ficam ouvindo tudo.

P: E daí? O que é que tem?

M: O que é que tem? E se ele contar? Você sabe que na Juventude Hitlerista, eles tem que contar tudo. O estranho é que ele saiu de mansinho.

P: Ora que bobagem!

M: O que ele teria ouvido de nossa conversa?

P: Ele não dirá nada. Ele sabe o que acontece aos que são denunciados.

M: E que é que tem isso? O filho do vizinho não delatou o próprio pai? Ele ainda não saiu do Campo de Concentração.

P: Deixa disso. Você está se alarmando à toa.

M: Você disse que os jornais mentem. Você falou sobre o Quartel General. Não devia ter falado. Klaus é tão nacionalista.

P: Mas o que foi que eu disse, precisamente?

M: Já se esqueceu? Você falou de certas sujeiras lá dentro.

P: Bem, isso não pode ser interpretado como um ataque. Eu disse que nem tudo é limpo lá dentro. Não, fui até mais moderado, eu disse que nem tudo é completamente limpo lá dentro. Isso faz diferença. Eu disse: pode ser que nem tudo seja completamente limpo, lá. O completamente suaviza a palavra limpa. Foi assim que eu formulei: Pode ser. Não quer dizer que seja.

M: Você não precisa me dar todas essas satisfações.

P: Eu gostaria de não ter que dar. Mas sei lá o que você é capaz de transmitir por aí do que se conversa aqui em casa? Não estou acusando você de nada e nem acho que o menino é um delator. Mas...

M: Você quer parar com isso? Você está dizendo que não se pode viver na Alemanha de Hitler.

P: Eu não disse isso!

M: Você age como se eu fosse a Gestapo! O que me aflige é o que Klaus possa ter ouvido.

P: A expressão Alemanha de Hitler não está no meu vocabulário.

M: Essas afirmações só pode prejudicar um espírito infantil. E o Führer não se cansa de dizer: “O futuro da Alemanha está na sua juventude”. O meu filho não é um delator!

P: Mas é vingativo.

M: Mas, agorinha mesmo eu dei vinte centavos a ele. Eu lhe dou tudo o que me pede...

P: Isso é suborno.

M: Como suborno?

P: Se houver qualquer coisa vão dizer que tentamos suborna-lo para ele não dizer nada.

M: O que você acha que eles podem fazer contra você?

P: Tudo! Não há limite para o que eles possam fazer.

M: Mas não há nada contra você.

P: Há sempre qualquer coisa contra todo mundo.

M: Karl, não perca a coragem. Você deve ser forte, como o Führer sempre...

(Um toque de telefone. Eles se abraçam aterrorizados e ficam olhando para o ponto de onde vem o som. Dois toques; três. Mãe faz um movimento)

M: Atendo?

P: Não sei. Espere.

(Eles aguardam um quarto toque)

P: Se tocar de novo nós atendemos.

(Pausa. Silêncio. Depois de um tempo o pai fala)

P: Isso não é vida.

M: Karl.

P: Você me gerou um Judas. Senta à mesa do jantar e ouve. Toma a sopa e ouve. O delator!

M: Você acha que devemos nos preparar?

P: Você acha que eles vem agora?

M: Tudo é possível.

P: Ponho a cruz de ferro?

M: Claro, claro. E botamos o retrato de Hitler em cima da escrivaninha, não é melhor?

P: Sim (a mãe começa a executar a ação quando o pai a interrompe) Espere! Se o menino disser que o retrato não estava aí antes, é uma agravante. Será apontado como consciência de culpa. (Um ruído) Que barulho foi esse? A porta!

M: Não ouvi nada. (Agora um ruído bem nítido)

P: Ouviu?

M: (Aterrada, abraçando-o) Karl.

P: Não vamos perder a cabeça. Vá lá.

(A mãe sai. O pai fica sozinho aguardando. Ouve-se a voz da mãe)

M: Onde é que você se meteu?! Responda, Klaus! (uma pausa. Ela muda nitidamente de tom e depois pergunta de novo, com a voz suave) Onde você andou até agora, meu filhinho?

(uma pausa. Ela volta e aos poucos vai recobrando uma expressão de tranquilidade e alívio. Fala.)

M: Ele disse... que foi comprar chocolate.

(Eles se olham e começam a sorrir. Correm um para o outro e se abraçam aliviados. Ai então a expressão dos dois começa novamente a mudar e o pai, afastando-se da mãe, pergunta)

P: Será verdade?

## O ATOR - MENTADO

De :Rodrigo Rangel e Afonso Celso

Personagem:

Mauro Cristal ( ator recém-formado)

(1 homem)

### CENA 1

**Cenário : Um pequeno quarto em Botafogo, repleto de pôsters de atrizes internacionais. Um lugar pobre e perceptivelmente adaptado para um ser humano morar. Alguns fios entram por um buraco. Fios de telefone e “gatos de luz” que ligam numa pequena geladeira e abajur. O cenário deverá ter nele mesmo opções de mudanças para que as cenas seguintes, que serão em outros locais, possam aproveitar os objetos deste cenário inicial. A peça é concebida para dois atores atuarem, fazendo vários personagens e mudando os cenários.**

Mauro está dormindo num colchonete no chão. Toca o telefone e Mauro dá um pulo da cama, assustado, mas não atende. O telefone é atendido em outra extensão. Mauro acorda e começa a se arrumar. O quarto e o pijama de Mauro, devem ser bem frescos e extravagantes para gerar riso na platéia. É um quarto afeminado. Mauro começa a se alongar, aquecer a voz e se vestir estilo hippie. O telefone toca mais uma vez, ele leva outro susto, mas não atende , após alguns segundos, um grito : “ Mauro, é pra você!”, ele agradece e pega o telefone.

Mauro – É amigo ou é da família ??

Voz – Família.

Mauro – Alô ? Pai ??? Oi , pai. Quê ? Tava ! Porque eu fui dormir tarde! Mas o que é que tem, pai, eu sou ator, e ator dorme tarde, é boêmio, é obrigação de todo ator. Que acordar cedo que nada, pai. Ator que acorda cedo tem que ficar na cama até às 11:00 horas mesmo sem sono. Por quê ? Porque sim, né pai, senão os outros vão pensar que você não tá trabalhando, tá desempregado. Besteira nada, pai. Se fosse algum amigo ator meu que ligasse, eu ia ter que atender assim : ( **faz voz rouca de Sono**) “ Alô, oi, sou eu. Não, eu já ia acordar mesmo, é que ontem, depois do meu espetáculo, eu fiquei até às 4:30 conversando com um produtor sobre um futuro projeto, mas já estou acordando, tenho gravação daqui a pouco”. Não pai, não tenho gravação hoje, eu só estou dizendo como é que eu teria que fazer. Mas bom mesmo, porque , pai ? Quem me dera se eu tivesse gravação hoje, é sempre mais uma graninha que entra. ....que só faço figuração, pai ! Figurante não tem fala e naquela cena que eu gravei na novela do ano passado, quando eu esbarrei no Antônio Fagundes, o meu personagem virou e falou : “DESCULPAS”!

Como não deu nem pra me ver, pai, até a velha que me aluga esse quarto aqui em Botafogo, me reconheceu,..... voltar pra Pavuna ?, que nada , pai ! nunca mais vou trabalhar no seu boteco ! ( **revirando os olhos com desprezo**) Pobreza !!!Deus me livre, pai. Eu já me decidi, agora, eu sou um artista. Não. Pai, não vou, pai !!! Não !! Não !!! Não !!! AAAiiiiiiiiii!!!!!!! ( **grita** ) Não !!!!!!!! Eu sou um A-T-O-R !!!..... Quê ? ..... Em várias coisas, pai,..... Não, novela, não!,..... vou estrear uma peça de teatro semana que vem,..... talvez dê um curso,.....continuo na campanha do supermercado que eu já te disse,....talvez pinte uns projetos quase certos aí,.....Ah, tá bom, pai, eu não vou mais discutir, e agora me dá licença que eu vou lá no Centro da Cidade fazer a filipetagem da peça que eu vou estrear, , vou aproveitar a hora do almoço. Filipetagem, pai !!! É distribuir papéis que dão desconto para as peças,...ahn ?,....quer uma pra quê ? (**tempo furioso**) É peça de teatro, pai, não é peça de carro. Não enche, pai ! dá um beijo na mãe, e fala pra ela ficar de olho nos jornais que vai sair uma divulgação super poderosa da minha peça, já está quase certa a matéria, tchau !!!!

**( Desliga e começa a colocar uma maquiagem horrorosa, sem técnica nenhuma, nem nexo, se preparando para a filipetagem. Vem para o proscênio, enquanto o cenário muda. Vai se maquiando, se observando e conversando com o público.)**

Nossa, que máximo que essa maquiagem está ficando. E tem gente que ainda me sacaneia do curso de teatro que eu fiz no Colégio Bangu. Uma aula ótima, a gente aprendia de tudo um pouco. E o professor era o máximo, nunca tinha feito um curso de teatro, mas sabia tudo sozinho de experiência de vida mesmo, como ele dizia ; ”Teatro fala da vida, e vida a gente vive”, ele era um poeta mesmo, tanto que tinha isso até no nome : SAULO POETA ! E que experiência em teatro ! Ele fez filipetagem de uma peça da Fernanda Montenegro, trabalhou na produção de uma peça do Nanini, era ele que comprava os queijos e levava pro camarim, quando o Nanini chegava, já estava tudo lá, prontinho. Cada história ele tinha ! Nossa que experiência em teatro, um dia eu chego lá ! Ah, já ia me esquecendo, foi ele que segurou a escada pro iluminador colocar os refletores no último espetáculo do Falabella, é um cara que está no meio mesmo !!! Mas como eu ainda não sou nenhum Saulo Poeta , tenho que cuidar do meu ! Pronto, as pessoas vão adorar essa maquiagem, vão ser super receptivas, vai ser uma divulgação ótima pra peça, depois eu aproveito e vou no teatro, pra fechar os últimos detalhes da minha estréia ! O Mundo me espera, vocês ainda vão ouvir falar do meu nome : Mauro Cristal!!!  
**( sai com as filipetas e a horrorosa maquiagem)**

**NO NATAL**  
**A Gente Vem Te Buscar**

De: Naum Alves de Souza

1º ATO  
Personagens:  
Solteirona  
Mulher

(2 mulheres)

I – A VIAGEM

***Música de Natal / Sons de Trem / Escurece / Clareia***

*A solteirona está sozinha, com malas. Chega mulher. Ela a observa.*

(mulher espirra).

**Solteirona:** Saúde.

**Mulher:** Obrigada.

**Solteirona:** A senhora espirra igualzinho uma conhecida. Eu não conheço a senhora de algum lugar?

**Mulher:** Não que eu me lembre.

**Solteirona:** Estou tentando me lembrar. Tenho quase certeza. Eu nunca me esqueço da fisionomia de uma pessoa. Vejo uma vez e já guardo.

**Mulher:** Eu não sou boa fisionomista. Nem tenho boa memória.

**Solteirona:** Minha mãe também não tinha. Ela era tão esquecida!

**Mulher:** Esquecida?

**Solteirona:** Sim, esquecida. Mas ela tinha pressentimentos. Sonhava com uma pessoa e acontecia o que ela sonhava.

**Mulher:** Era espírita a senhora sua mãe?

**Solteirona:** Deus que me perdoe! Ela nem podia ouvir falar em espírita!

**Mulher:** Que é que espírita tem de pior que os outros?

**Solteirona:** Ela acabou de falecer, coitada.

**Mulher:** Para nós, espiritualistas, a morte tem um outro significado.

**Solteirona:** Como é isso?

**Mulher:** A morte física é apenas um estado. O espírito não morre, continua se aperfeiçoando.

**Solteirona:** É verdade que as pessoas mortas podem aparecer?

**Mulher:** Existem muitos casos. Não é coisa para se ter medo.

**Solteirona:** Mas eu tenho muito medo. A senhora me desculpe.

**Mulher:** Eu não tenho. Acho muito bonito. Já conversei muitas vezes com pessoas mortas. Tenho mais medo é dos vivos que estão soltos por aí fazendo maldades.

**Solteirona:** E a minha mãe? Ela também pode aparecer, falar, mesmo depois de morta?

**Mulher:** Claro que pode. Eu sou médium, posso tentar receber. Você gostaria de conversar com ela?

**Solteirona:** Deus que me livre e guarde.

**Mulher:** Tem medo da própria mãe? Que filha! Sábio é Deus que lhe deu o descanso em boa hora! Tem medo da própria mãe!

**Solteirona:** Deus que me perdoe mas eu tenho muito medo. Ela também tinha. Estou com ânsia. Eu sou fraca do estômago!

**Dois Perdidos Numa Noite Suja**

De Plínio Marcos

Personagens:

Tonho

Paco

(2 homens)

## Primeiro Quadro

*Paco está deitado em uma das camas tocando muito mal uma gaita. De vez em quando, para de tocar, olha para seus pés, que estão calçados com um lindo par de sapatos, completamente em desacordo com sua roupa. Com a manga do paletó, limpa os sapatos. Paco está tocando, entra Tonho, que não dá bola para Paco, vai direto para sua cama, senta-se nela e, com as mãos a examina.*

**TONHO** – Ei! Para de tocar essa droga.

*Paco finge que não ouve.*

**TONHO** – (*gritando*) Não escutou o que eu disse? Pára com essa zoeira.

*(Paco continua tocando.)*

**TONHO** – É surdo, desgraçado?

*(Tonho vai até Paco e o sacode pelos ombros.)*

**TONHO** – Você não escuta a gente falar?

**PACO** – (*calmo*) Oi, você está aí?

**TONHO** – Estou aqui para dormir.

**PACO** – E daí? Quer que eu toque uma canção de ninar?

**TONHO** – Quero que você não faça barulho.

**PACO** – Poxa! Por que?

**TONHO** – Porque eu quero dormir.

**PACO** – Ainda é cedo.

**TONHO** – Mas eu já quero dormir.

**PACO** – E eu tocar.

**TONHO** – Eu paguei para dormir.

**PACO** – Mas não vai consegui.

**TONHO** – Quem disse que não?

**PACO** – As pulgas. Essa estrebaria está assim de pulgas.

**TONHO** – Disso eu sei. Agora eu quero que você não me perturbe.

**PACO** – Poxa! Mas o que você quer?

**TONHO** – Só quero dormir.

**PACO** – Então para de berrar e dorme.

**TONHO** – Está bem. Mas não se meta a fazer barulho.

*(Tonho volta para sua cama, Paco recomeça a tocar.)*

**TONHO** – Pára com essa música estúpida! Não entendeu que eu quero silêncio?

**PACO** – E daí? Você não manda.

**TONHO** – Quer encrenca? Vai ter! se soprar mais uma vez essa droga, vou quebrar essa porcaria.

**PACO** – Estou morrendo de medo.

**TONHO** – Se duvida, toca esse troço.

*(Paco sopra a gaita. Tonho pula sobre Paco. Os dois lutam com violência. Tonho leva vantagem e tira a gaita de Paco.)*

**PACO** – Filho da puta!

**TONHO** – Avisei, não escutou, se deu mal.

**PACO** – Dá essa gaita pra cá.

**TONHO** – Vem pegar.

**PACO** – Porra! Deixa de onda e me dá essa merda.

**TONHO** – Se tem coragem, vem pegar.

**PACO** – Pra que fazer força? Você vai ter que dormir mesmo.

**TONHO** – Antes de dormir, joga essa merda na privada e puxo a bomba.

**PACO** – Se você fizer isso, eu te apago.

**TONHO** – Experimenta.

**PACO** – Se duvida, joga.

**TONHO** – Jogo. E daí?

**PACO** – Então joga.

**TONHO** – Você só tem boca-dura

**PACO** – É melhor você me dar essa merda.

**TONHO** – Não enche o saco.

**PACO** – Anda logo. Me dá isso.

**TONHO** – Não vou dar.

*(Paco pula sobre Tonho. Esse mais uma vez leva vantagem. Joga Paco longe com um empurrão.)*

**TONHO** – Ta vendo, palhaço? Comigo você só entra bem?

**PACO** – Eu quero minha gaita.

**TONHO** – Se você ficar bonzinho, amanhã de manhã eu devolvo.

**PACO** – Quero a minha gaita já.

**TONHO** – Não tem acordo.

*(Pausa)*

*(Tonho deita-se, e Paco fica onde está, Olhando Tonho.)*

**TONHO** – Vai fica aí me invocando?

**PACO** – Já estou invocado há muito tempo.

**TONHO** – Poxa! Vê se me esquece, Paco.

**PACO** – Então me dá a gaita.

**TONHO** – Você não toca?

**PACO** – Não vou tocar.

**TONHO** – Palavra?

**PACO** – Juro.

**TONHO** – Então toma. *(Tonho joga a gaita na cama de Paco.)* Se tocar já sabe. Pego outra vez e quebro.

*(Paco limpa a gaita e a guarda. Olha o sapato, limpa com a manga do paletó.)*

**A MULHER SEM PECADO**

De Nelson Rodrigues

Personagens:

Lídia

Olegário

(1 casal)

**LÍDIA** - D. Aninha não quis a comida, meu filho? Inézia me disse!

**OLEGÁRIO** (com mau humor) - É. Não quis. Não quis agora, nem antes. Você precisa dar um jeito nisso.

**LÍDIA** (admirada) - Eu? Mas que jeito você quer que eu dê?

**OLEGÁRIO** (de mau humor) - Que jeito, ora!... Você podia interessar-se mais – que diabo! Mas não. Larga tudo na mão da criada.

**LÍDIA** (magoada) - "Larga tudo na mão da criada", não! Eu não posso fazer mais do que faço.

**OLEGÁRIO** (irônico) - Ah, não pode!... Está bem. (noutro tom) O que eu acho é que você, enfim, devia-se lembrar que ela é minha mãe!

**LÍDIA** (com veemência) - Você pensa então que se ela não fosse sua mãe eu estaria sempre em cima? (noutro tom, suplicante) Eu já disse a você, não disse, que às vezes não posso, fico nervosa? (com angústia) Ah, Olegário! Tratar uma pessoa que não compreende, que passa todo tempo enrolando um paninho... (exasperação) Aquele pano que ela enrola, aquele pano!..

**OLEGÁRIO** (sardônico) - Acho engraçado você. "Fico nervosa." (outro tom) Está bem. Um dia você vai ver minha mãe morrer, aí, de inanição! Não come!

**LÍDIA** (com angústia) - Pelo menos, Olegário, pelo menos diga o que quer que eu faça. Sua mãe não quer comer: o que eu devo fazer? Diga!

**OLEGÁRIO** (depois de uma pausa) - Está bem. Vamos esperar então. Daqui a pouco você tenta outra vez.

**LÍDIA** - Bem, meu filho. Vou mudar de roupa.

**OLEGÁRIO** - Acho graça dessa mania que você tem de me chamar "meu filho"!

**LÍDIA** (com um suspiro) - Há algum mal nisso?!

**OLEGÁRIO** - Mal, mal, não há. (outro tom) Mas eu não gosto. Isso devia bastar!

**LÍDIA** (contendo-se) - Você agora se aborrece com as mínimas coisas! Ah, meu Deus!

**OLEGÁRIO** (impaciente) - Não é se aborrecer! (sardônico) Interessante isso. Você não quis ter filhos, e quando acaba cisma de ser maternal comigo!

**LÍDIA** (nervosa) - Parece mentira. Tudo porque eu disse "meu filho". Está bem. Nunca mais chamarei você de meu filho...

**OLEGÁRIO** - Isso é um vício em você. Outra coisa...

**LÍDIA** - O quê?

**OLEGÁRIO** - Você deu para me chamar "meu filho" depois que eu fiquei assim. Foi, sim!

**LÍDIA** - Que bobagem, Olegário!

**OLEGÁRIO** - Bobagem, eu sei!

(Silêncio. Os dois se olham. Olegário impulsiona a cadeira para mais perto de Lídia.)

**LÍDIA** - Ah, uma coisa, Olegário. Por que é que você não chama outro médico? Mamãe disse que tem um tão bom!...

**OLEGÁRIO** - Não interessa. Para que outro médico? Já não tenho um?

**LÍDIA** - Mas esse que você tem - esse seu amigo - é tão esquisito! Dizem até que bebe!...

**OLEGÁRIO** (impaciente) - "Bebe!" E o que é que tem isso? Pois olhe. Ele é melhor do que muitos que andam por aí. E, além disso, minha filha, basta que eu tenha confiança nele. Eu é que sou o doente, não é?

**LÍDIA** - Está certo, Olegário, está certo. Mas você podia chamar outro - só pra ver! Não custa!

**OLEGÁRIO** (com exasperação) - É. Mas não quero! Basta um e eu estou satisfeito com o meu!

**LÍDIA** (resignada) - Está bem.

**OLEGÁRIO** (sombrio) - E, além disso, não adianta. Eu sei que nunca ficarei bom. O médico disse.

**LÍDIA** - Que não fica bom o quê! Você também é, Olegário!...

**OLEGÁRIO** (recordando-se) - Antes que eu me esqueça: você tem um primo Rodolfo, não tem?

**LÍDIA** - Tenho sim. Ele até assistiu ao nosso casamento.

**OLEGÁRIO** - "Assistiu ao nosso casamento". (entregando o telegrama) Ele mandou esse telegrama.

**LÍDIA** (queixosa) - Você sempre controlando as minhas coisas! Eu não me incomodo. Só acho que você não tem confiança - nenhuma mesmo - em mim.

**OLEGÁRIO** (irônico) - Sei disso. Mas eu quero que você me explique: por que cargas d'água ele tem que dar satisfações a você?

**LÍDIA** (surpresa) - Satisfações a mim?!

**OLEGÁRIO** (incisivo) - Satisfações a você, sim! "Parto amanhã." O que é que você tem com isso?

**LÍDIA** (nervosa) - Ora, Olegário, ora! (outro tom) Sou a única parente que ele tem no Rio! Eu, mamãe, Maurício e você.

**OLEGÁRIO** (desabrido) - Eu, não! Tenha paciência! Não sou parente dos primos de minha mulher.

**LÍDIA** - Está bem, Olegário, está bem.

**OLEGÁRIO** (com irritação) - E no mínimo esse cavalheiro vai-se instalar aqui!

**LÍDIA** - Já começou você outra vez!

**OLEGÁRIO** (incisivo) - Outra vez, sim! (patético) Que posso fazer senão começar

sempre?

**LÍDIA** - Mas que foi que eu fiz, meu Deus? Aponte uma coisa qualquer, ao menos isso.  
(enérgica) Você não tem nada, nada, contra mim. Você não vê que isso até fica feio para você - feio?

**OLEGÁRIO** (irritado) - "Feio"! O que é que é "feio"? Como é imbecil a gente dizer "fica feio"!

**LÍDIA** (desafiante) - Então acuse. Pronto! Acuse! Acuse, mas não me faça sofrer à toa! Você não me acusa porque não pode. Minha vida não tem mistérios. Todo mundo sabe o que eu faço.

**OLEGÁRIO** - Você me desafia, hem?

**LÍDIA** (enérgica) - Desafio, sim!

**OLEGÁRIO** (sardônico) - Me desafia! Diz "minha vida não tem mistérios"! E eu ando atrás de você o tempo todo? Sei lá pra quem você olha na rua? Estou dentro de você para saber o que você sente, o que você sonha?

**LÍDIA** (suspirando, dolorosa) - Ah, Olegário!

**OLEGÁRIO** - Você olha para mim com um olhar de mártir! Pois bem. Agora mesmo, neste minuto, você pode estar-se lembrando de um amigo, de um conhecido ou desconhecido. Até de um transeunte. Pode estar desejando uma aventura na vida. A vida da mulher honesta é tão vazia! E eu sei disso! Sei!

**MADemoiselle CHANEL**

De: Maria Adelaide Amaral

Personagem:

Mademoiselle Chanel

(1 mulher)

Chanel: (Diante de um espelho) Envelheci... (olha-se longamente) O que me salva da decrepitude é este olhar desesperado e faminto...(olha para o rosto) Meu olhar é opaco, minha boca é apenas um traço, uma fenda...(olha para seu corpo) O meu corpo...! Seco como uma videira estéril... (respira longamente) A dureza do espelho me devolve a minha própria dureza...é um combate cerrado entre ele e mim: será que algum espelho será capaz de refletir a minha avidez, a minha incredulidade? (Volt6a-se angustiada)

Como eu odeio o crepúsculo!... Todos os dias a esta hora fico com o peito tão apertado!...(rápida) A vida inteira foi assim, todas as pessoas que me amam sabem que eu fico muito angustiada no fim do dia! (reflete) Todas as pessoas que me amam?...Quantas pessoas ainda me amam?...François. claro...François. Ele sabe que a esta hora sou visitada pelos meus fantasmas, as memórias que acumulei irrompem da maneira mais tumultuada! (angustiada) É como se a minha vida quisesse sair de mim! Como se tudo que eu vivi fosse demais e subitamente explodisse diante dos meus olhos! E a imagem mais freqüente é a procissão de carros fúnebres: primeiro minha mãe, depois minha irmã...em seguida Boy Capel, Iribe, quantos mais? Tantos...(apruma-se)

Preciso arrumar alguma companhia para esta noite... alguém que saiba me escutar , uma pessoa razoavelmente inteligente ou bonita , de preferência as duas coisas juntas!... (sorri) Eu sou uma velha senhorita que cometeu muitos pecados mortais e não há a menor razão para que me torne virtuosa, exceto talvez – a minha idade...(desolada) Por que é inevitável que a velhice esteja sempre associada à solidão? E a solidão é tão penosa para quem gosta de falar, para mim que sempre falei sem parar! (excitada) Eu não suporto pausas e silêncios, esses momentos de tensão insuportável por onde se insinua este pavoroso sentimento de desolação!... (Com algum desespero) Eu falo, falo o dia inteiro e pela noite adentro até minha voz ficar totalmente rouca, falo até a exaustão, para não ouvir o silêncio, para não pensar naqueles que se foram, para tornar cada vez mais bela a memória do tempo que passou! (tempo)

Por que está cada vez mais difícil encontrar alguém a quem possa falar?! Não estou me referindo a um interlocutor, não! Eu sou otimista, mas nem tanto! Estou me referindo a alguém que apenas se limite a escutar... Onde está aquela multidão que vivia à minha volta, aquele séqüito que não me deixava só em nenhum momento do dia? Durante anos e anos, o único momento que dispunha para mim era a hora de dormir, e mesmo assim quase sempre estava acompanhada! (nostálgica) É engraçado porque naquele tempo eu tinha fantasias de isolamento...(triste) Hoje abomino meu isolamento, a solidão irreparável da velhice! (recompondo-se)

Eu gostaria tanto de ter uma companhia para esta noite...alguém que jantasse comigo e se divertisse com as minhas histórias...! Talvez eu lhe dissesse o que nunca disse pra ninguém, talvez finalmente tivesse a coragem de revelar a face oculta de Mademoiselle Chanel!... (sorri irônica) A face oculta, o lado escuro, a verdade, a mazela – Não é isso que todo mundo está procurando? (ri)

**ÓPERA DO MALANDRO**

de: Chico Buarque de Holanda

Personagens:

Lúcia

Max

(1 casal)

Lúcia: (off) cadê aquele barba –azul de merda? (entrando) Ah, canalha, você me desonrou pra sempre! Na tua sessão de tortura eu quero sentar na primeira fila!

Max: Lúcia, que surpresa!

Lúcia: Aplaudindo de pé e pedindo bis! O autor! O autor!

Max: Lúcia, você se esqueceu do meu beijo.

Lúcia: Que beijo!

Max: Falando sério, Lucia, você não tem entranhas? Teu pai vai me jogar no Guandu, Lúcia! Você não tem dó da situação do teu marido?

Lúcia: Que marido! Pensa que eu não sei da Terezinha, pensa?

Max: Terezinha? Que Terezinha?

Lúcia: Ah, veado, quando você estiver pendurado no pau de arara eu vou mandar te capar!

Max: Lúcia, cuidado! Eu não sei porque você ta tão nervosa hoje. Só sei que nos primeiros meses de gravidez isso é um perigo. Li num livro. O histerismo da gestante enrijece o colo uterino e afeta o desenvolvimento do embrião.

Lúcia: Filho do cão!

Max: Juro, Lúcia, se há uma coisa no mundo que eu não posso perder é esse meu filho. (acaricia-lhe a barriga) O primogênito, o herdeiro, o Max Júnior!

Lúcia: Tira a mão daí! Eu vou criar sozinha o filho adúlterino, filho de mãe solteira...Oh, Max! (quase chora)

Max: Lúcia, Max Júnior vai ser a goma-arábica que nos manterá unidos para sempre. Ele vai consolidar nosso matrimônio.

Lúcia: Ô patife, você sabe que eu sei que você sabe que eu sei do seu casamento com a Terezinha!

Max: Lá vem essa Terezinha de novo, porra! Parece ioiô!

Lúcia: E antes que você esbanje tudo na lua-de-merda, devolva os trinta contos que eu lhe emprestei!

Max: O que? Calúnia! Eu só troquei seu dinheiro em dólar por causa da inflação. Graças a mim os teus vinte contos hoje são vinte e cinco.

Lúcia: quero os meus trinta contos! Meus não, do papai!

Max: é claro, faço questão de te entregar tudo. Chega de fazer favor e receber desaforo. Só que tem que me tirar daqui, porque ta tudo no City Bank. Eu não sou irresponsável de andar com dinheiro dos outros no bolso.

Lúcia: Faz um cheque!

Max: e eu venho à cadeia de cheque? Teu pai é perito em fazer nego assinar tudo quanto é confissão...Imagine um cheque do city Bank! Eu fico bobo é com a tua tacanharia, Lúcia. Daqui a pouco eu começo a cobrar pelas caixas de marrom-glacê que eu trago pra você devorar.

Lúcia: Olha pega os teus marrom-glacê e enfia no rabo da Terezinha Duran!

Max: Terezinha Duran! Ahhh, então a Terezinha era essa? Oh, baby, você não vai ser bobinha a ponto de ter ciúme da Terezinha Duran, vai?

Lúcia: Vai dizer que não casou com ela, vai?

Max: Mulher já não prima pelo intelecto. Quando ta com ciúme então, ai é que emburrece de vez.

Lúcia: Vai dizer, vai?

Max: Há há há já sei! Só pode ser arranjo daquele velho safado! Ta com a filha enalhada na prateleira, o velho. Daí, só porque eu fui lá vez e outra, tralalá, trololó, coisa e tal, o velho espalha boato de casório pra valorizar o material.

Lúcia: Você tem papel passado em cartório que eu sei!

Max: Lúcia, eu já estou envolvido em vinte e nove processos. Ta querendo me enquadrar por bigamia também, é?

Lúcia: To cagando, sabe o que é isso? Quero que você morra! Eu quero ver aquela galinha viúva, todinha de preto. (sai)

**CASA DE BONECAS**

de: Henrik Ibsen

Personagens:

Helmer

Nora

(1 casal)

Helmer: Mas separar-me! Separar-me de você! Não, não, Nora. Não posso aceitar essa idéia.

Nora: isso só aumenta a certeza de que precisa ser feito.

Helmer: Nora, Nora, ainda não! Espere até amanhã.

Nora: (vestindo o casaco) Não posso passar a noite com um desconhecido.

Helmer: Mas não podemos viver como irmãos?

Nora: (colocando o chapéu) Você sabe muito bem que isso não ia durar muito tempo. (põe o xale) Adeus, Torvald. Não quero ver os meninos. Sei que eles estão melhor do que comigo. Como estou agora, não sirvo para eles.

Helmer: Mas, algum dia, Nora, algum dia?

Nora: Como é que eu posso saber? Não tenho idéia do que vai acontecer comigo.

Helmer: mas você é minha mulher, haja o que houver.

Nora: Escuta, Torvald. Eu ouvi dizer que quando uma mulher abandona a casa do marido, como eu estou fazendo agora, ele está legalmente livre de qualquer compromisso com ela. Você fica sem a menor obrigação, assim como eu. Deve haver liberdade total de ambas as partes. Olhe, aqui está sua aliança, dê-me a minha.

Helmer: Isso também?

Nora: Isso também.

Helmer: Toma.

Nora: pronto, agora está tudo acabado. Eu deixei as chaves aqui. As crianças também sabem de tudo na casa, melhor do que eu. Amanhã, depois de eu ter ido embora, Cristina vem aqui e empacota as minhas coisas, as que eu trouxe de casa comigo. Depois eu mando buscar.

Helmer: Tudo acabado! Tudo acabado! Nora, você nunca mais vai pensar em mim?

Nora: Eu sei que vou pensar muito em você, nas crianças e nesta casa.

Helmer: Posso escrever para você, Nora?

Nora: Não, nunca. Nunca faça isso.

Helmer: Mas deixe que eu pelo menos lhe mande...

Nora: Nada. Nada.

Helmer: Deixe que eu a ajude, se você precisar.

Nora: Não. Não posso aceitar nada de um desconhecido.

Helmer: Nora, eu nunca vou passar de um desconhecido para você?

Nora: (pensando) Ah, Torvald, o maior milagre de todos teria que acontecer.

Helmer: Diga o que seria isso!

Nora: Nós dois, você e eu teríamos que nos modificar a ponto de...Ah, Torvald, eu não acredito mais em milagres.

Helmer: Mas eu vou acreditar. Diga? Teríamos que nos modificar a ponto de...

Nora: De poder fazer do nosso casamento uma verdadeira vida em comum. Adeus. (sai)

Helmer: (afunda-se na cadeira e esconde o rosto com as mãos) Nora! Nora! (olha em volta. Levanta-se) Vazio. Foi embora (uma esperança passa pelo seu pensamento) O maior milagre de todos?...  
(ouve-se o som de uma porta que bate lá embaixo)

## MONÓLOGO DAS MÃOS

De: Ghiaroni

-

Para que servem as mãos?

As mãos servem para pedir, prometer, chamar, conceder, ameaçar, suplicar, exigir, acariciar, recusar, interrogar, admirar, confessar, calcular, comandar, injuriar, incitar, teimar, encorajar, acusar, condenar, absolver, perdoar, desprezar, desafiar, aplaudir, reger, benzer, humilhar, reconciliar, exaltar, construir, trabalhar, escrever.....

-

As mãos de Maria Antonieta, ao receber o beijo de Mirabeau, salvou o trono da França e apagou a auréola do famoso revolucionário; Múcio Cévola queimou a mão que, por engano não matou Porcena; foi com as mãos que Jesus amparou Madalena; com as mãos David agitou a funda que matou Golias; as mãos dos Césares romanos decidiam a sorte dos gladiadores vencidos na arena; Pilatos lavou as mãos para limpar a consciência; os anti-semitas marcavam a porta dos judeus com as mãos vermelhas como signo de morte!

-

Foi com as mãos que Judas pôs ao pescoço o laço que os outros Judas não encontram. A mão serve para o herói empunhar a espada e o carrasco, a corda; o operário construir e o burguês destruir; o bom amparar e o justo punir; o amante acariciar e o ladrão roubar; o honesto trabalhar e o viciado jogar. Com as mãos atira-se um beijo ou uma pedra, uma flor ou uma granada, uma esmola ou uma bomba! Com as mãos o agricultor semeia e o anarquista incendia!

-

As mãos fazem os salva-vidas e os canhões; os remédios e os venenos; os bálsamos e os instrumentos de tortura, a arma que fere e o bisturi que salva. Com as mãos tapamos os olhos para não ver, e com elas protegemos a vista para ver melhor. Os olhos dos cegos são as mãos. As mãos na agulheta do submarino levam o homem para o fundo como os peixes; no volante da aeronave atiram-nos para as alturas como os pássaros.

-

O autor do "Homo Rebus" lembra que a mão foi o primeiro prato para o alimento e o primeiro copo para a bebida; a primeira almofada para repousar a cabeça, a primeira arma e a primeira linguagem. Esfregando dois ramos, conseguiram-se as chamas. A mão aberta, acariciando, mostra a bondade; fechada e levantada mostra a força e o poder; empunha a espada a pena e a cruz!

-

Modela os mármore e os bronzes; da cor às telas e concretiza os sonhos do pensamento e da fantasia nas formas eternas da beleza. Humilde e poderosa no trabalho, cria a riqueza; doce e piedosa nos afetos medica as chagas, conforta os aflitos e protege os fracos. O aperto de duas mãos pode ser a mais sincera confissão de amor, o melhor pacto de amizade ou um juramento de felicidade. O noivo para casar-se pede a mão de sua amada; Jesus abençoava com as mãos; as mães protegem os filhos cobrindo-lhes com as mãos as cabeças inocentes.

-

Nas despedidas, a gente parte, mas a mão fica, ainda por muito tempo agitando o lenço no ar. Com as mãos limpamos as nossas lágrimas e as lágrimas alheias. E nos dois extremos da vida, quando abrimos os olhos para o mundo e quando os fechamos para sempre ainda as mãos prevalecem. Quando nascemos, para nos levar a carícia do primeiro beijo, são as mãos maternas que nos seguram o corpo pequenino.

-

E no fim da vida, quando os olhos fecham e o coração pára, o corpo gela e os sentidos desaparecem, são as mãos, ainda brancas de cera que continuam na morte as funções da vida.

E as mãos dos amigos nos conduzem...

E as mãos dos coveiros nos enterram!

**POEMA DO MENINO JESUS**

De: Fernando Pessoa

Num meio-dia de fim de Primavera  
 Tive um sonho como uma fotografia.  
 Vi Jesus Cristo descer à terra.  
 Veio pela encosta de um monte  
 Tornado outra vez menino,  
 A correr e a rolar-se pela erva  
 E a arrancar flores para as deitar fora  
 E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu.  
 Era nosso demais para fingir  
 De segunda pessoa da Trindade.  
 No céu tudo era falso, tudo em desacordo  
 Com flores e árvores e pedras.  
 No céu tinha que estar sempre sério  
 E de vez em quando de se tornar outra vez homem  
 E subir para a cruz, e estar sempre a morrer  
 Com uma coroa toda à roda de espinhos  
 E os pés espetados por um prego com cabeça,  
 E até com um trapo à roda da cintura  
 Como os pretos nas ilustrações.  
 Nem sequer o deixavam ter pai e mãe  
 Como as outras crianças.  
 O seu pai era duas pessoas -  
 Um velho chamado José, que era carpinteiro,  
 E que não era pai dele;  
 E o outro pai era uma pomba estúpida,  
 A única pomba feia do mundo  
 Porque nem era do mundo nem era pomba.  
 E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.  
 Não era mulher: era uma mala  
 Em que ele tinha vindo do céu.  
 E queriam que ele, que só nascera da mãe,  
 E que nunca tivera pai para amar com respeito,  
 Pregasse a bondade e a justiça!

Um dia que Deus estava a dormir  
 E o Espírito Santo andava a voar,  
 Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.  
 Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.  
 Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.  
 Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz  
 E deixou-o pregado na cruz que há no céu  
 E serve de modelo às outras.  
 Depois fugiu para o Sol  
 E desceu no primeiro raio que apanhou.  
 Hoje vive na minha aldeia comigo.  
 É uma criança bonita de riso e natural.  
 Limpa o nariz ao braço direito,

Chapinha nas poças de água,  
Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.  
Atira pedras aos burros,  
Rouba a fruta dos pomares  
E foge a chorar e a gritar dos cães.  
E, porque sabe que elas não gostam  
E que toda a gente acha graça,  
Corre atrás das raparigas  
Que vão em ranchos pelas estradas  
Com as bilhas às cabeças  
E levanta-lhes as saias.

A mim ensinou-me tudo.  
Ensinou-me a olhar para as coisas.  
Aponta-me todas as coisas que há nas flores.  
Mostra-me como as pedras são engraçadas  
Quando a gente as tem na mão  
E olha devagar para elas.

Diz-me muito mal de Deus.  
Diz que ele é um velho estúpido e doente,  
Sempre a escarrar para o chão  
E a dizer indecências.  
A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia.  
E o Espírito Santo coça-se com o bico  
E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.  
Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.  
Diz-me que Deus não percebe nada  
Das coisas que criou -  
"Se é que ele as criou, do que duvido." -  
"Ele diz por exemplo, que os seres cantam a sua glória,  
Mas os seres não cantam nada.  
Se cantassem seriam cantores.  
Os seres existem e mais nada,  
E por isso se chamam seres."  
E depois, cansado de dizer mal de Deus,  
O Menino Jesus adormece nos meus braços  
E eu levo-o ao colo para casa.

## O TEATRO RADICAL

De: Antonio Ximenes

Ataçaram minha ira ao verticalizar minha cidade,  
Os prédios estão barrando a brisa,  
Agora o vento tem que fazer a curva para alcançar minha face,  
Deixando minha raiva contorcer meu ventre e desfigurar meu sorriso.

A luz do holofote está mais fraca e não permite que eu seja reconhecido,  
A minha pintura aborígene, as penas, as roupas rasgadas e a lama nos olhos,  
O grito das palavras que não me pertencem agridem... tentam chocar,  
O berro do texto decorado em delírios jogados na cara da platéia atônita.

Assumo a flatulência do próximo sem pudor ou hesitação:

Fui eu!

A mordida no pão dormido e o gole na água de poço,  
Capturo a culpa da eructação musical movida a feijão de corda:

Fui eu... me encara, pôrra!

Não permito a fuga dos que me tem asco:

Eu digo é na cara... que eu sou é homem!

O cesto de vime já não suporta o contorcionista,  
Dobrado em três tal carta de despejo visando ser alvo de surpresa,  
Os aplausos já não são suficientes,  
Os assobios já não são satisfatórios,  
Restou apenas a câibra na virilha do artista.

Declamo poesias na copa das araucárias de Maranguape,  
Converso com fantasmas nas praças noturnas e desertas,  
Escondo as posses para passear em parques de diversão,  
Sofro embebido em caos...  
... cozido em água e sal...  
... degustado sem talheres.

O espetáculo garante total satisfação ou o dinheiro de volta,  
A peça encenada sem cenários... em monólogo cuja voz alta proclama,  
Delata, denuncia, anarquiza, ridiculariza o próprio ridículo na atuação,  
Show para um público seleteo... amante da arte,  
Hippies, góticos, intelectuais malditos...  
... os subversivos policulturais.

Declaro amor aos fãs da encenação,  
Aos policulturais que usam boinas afro,  
Falam todas as línguas,  
Ensinam todas as disciplinas,  
Leitores de Karl Marx,  
Oposição ao universo, cosmos, via láctea, etc.,  
Inimigos do cantor vendido Raimundo Fagner,  
Amigos do violão funéreo de Geraldo Vandré,  
Cabelos longos... barbas longas... cigarro e sandálias franciscanas,

Para fazer parte da turma... para serem aceitos na taba,  
Pois só o que não faz sucesso é o que realmente importa.

Escancaram-se olhos arregalados diante do palco,  
Camisas com ícones do consumo,  
Janis Joplin,  
Renato Russo,  
Cazuza,  
Black Sabbath,  
Che Guevara,  
Coca-Cola,  
Todos achando que estão fazendo parte de alguma coisa,  
Além de implorar pela atenção dos colegas de faculdade.

Paraliso minhas divagações... eis o fim do horror consumível que discorro,  
Diante da entediada gama de seres entediados,  
Agradeço ao público de intelectuais fingidos e tribais,  
Quando a cortina se fecha corro aos guichês,  
Calculo pornograficamente meu erário... meu vil metal...  
A parte que me cabe deste latifúndio...  
... o Teatro Radical.

## AMOR

De: Clarice Lispector

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação.

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranqüilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida.

Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se. No entanto sentia-se mais sólida do que nunca, seu corpo engrossara um pouco e era de se ver o modo como cortava blusas para os meninos, a grande tesoura dando estalidos na fazenda. Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhara-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos; com o tempo, seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem. Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa; a vida podia ser feita pela mão do homem.

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera.

## MONÓLOGO PARA UMA ÚNICA PERSONAGEM

Autor desconhecido

### A personagem

Mulher entre os vinte e cinco e os trinta e cinco anos, expressiva, ágil, com boa mímica, flexibilidade nas diferentes posturas.

#### ÚNICA CENA

Sala dividida em três partes. À esquerda, janela, cadeira, óculos, girassóis, corda de saltar, jogos de infância, lápis de cor e papel branco, livros, bonecos de pano com nomes, quadro preto e giz, de tamanho desproporcionadamente grande. Do lado da janela, o chão pintado de branco, do lado do quadro preto, pintado de preto. Ao centro, espelho, cosméticos, livros, tábua de passar a ferro, uma almofada vermelha em forma de coração, figuras de heróis coladas na parede, aparelhagem de som, tudo colorido. À direita, ringue de boxe, luva de boxe, labirinto ou puzzle, prateleira, mesa de trabalho, livros, tudo cinzento.

#### MULHER

*(coloca-se perto do limite entre a cor branca e a cor preta pintadas no chão)*

Sei que há dois mundos completamente diferentes

Sei que não os posso misturar

Um é o meu mundo

*(pisa a cor branca)*

o outro é o deles

*(pisa a cor preta)*

Aqui posso andar à vontade

respirar à vontade

rir à vontade

ver o que se passa lá fora

construir histórias

Aqui tenho que andar com muita cautela

procurar perceber o que devo fazer como devo fazer

mesmo que não perceba porquê

Não me posso confundir nestes dois mundos

posso ser agredida ou perder-me nesse labirinto e não encontrar a saída

Também me podem destruir se eu não tiver cuidado

Quando não percebemos o que eles querem então é que estamos verdadeiramente arrumados

Não estou a exagerar coisíssima nenhuma

Sei do que estou a falar

Às vezes distraímo-nos e cometemos um pequeno lapso e eles fazem logo uma barulheira que isto e que aquilo

colocam-nos logo entre a espada e a parede e não vêem que aquilo não tinha importância nenhuma

E atiram-nos logo para cima classificações que passam a servir-nos de identidades emprestadas que não têm nada a ver connosco

*(Escreve alguns conceitos no quadro negro: DISCIPLINA, OBEDIÊNCIA, ORGANIZAÇÃO)*

A escola foi a minha estreia no mundo deles

Aqui só há equívocos

A escola impõe-se como uma prisão

mas há sempre uma maneira de lhes escapar  
e a nossa sobrevivência vai depender da nossa imaginação  
A partir daqui estamos sozinhos  
completamente desamparados  
A família prende-nos com chantagens afectivas a um local  
a um modo de agir a um modo de sentir  
A escola é um deserto de afectos e de ideias  
dela só me ficou o medo a angústia o tédio  
Começam por nos disciplinar a vida  
espremem-nos a paciência até ao limite do admissível  
A alegria e a espontaneidade são alvos a abater  
O melhor é dar-lhes o que eles querem  
uma dose de conformismo até ao limite do suportável e outra dose de  
masoquismo para lhes alimentar a ilusão do poder  
Mas nunca nos deixarmos domesticar  
Nunca  
Nunca  
*(Aproxima a cadeira da janela para onde trepa e se debruça)*  
Sei de cor o perfil das montanhas  
sei de cor os rituais de domingo  
gosto desses rituais  
fascinam-me as expressões como a "vida eterna"  
Nessas alturas especiais as pessoas são quase compreensíveis e interessantes  
Os cânticos tradicionais  
as rosas de Maio  
Para mim a Senhora será sempre "toda bela"  
como os príncipes e princesas que desenho nos cadernos escolares  
"livre de todos os perigos" do mundo deles  
*(Aproxima-se dos girassóis que começa a desfolhar)*  
Porque será que destruímos as coisas que tentamos compreender?  
Gosto de observar as pessoas  
não compreendo o que dizem  
nem como vivem e se relacionam entre si  
mas gosto de as ver, de as ouvir  
o som das vozes, certas palavras, entoações, risos  
Gosto de observar as pessoas que trabalham com as mãos  
No trabalho físico vêem-se logo resultados  
As pessoas que trabalham com as mãos sempre me fascinaram  
*(Pega num dos cadernos e senta-se ruidosamente no chão)*  
Perguntam-me porque desenho príncipes e princesas  
Nas minhas histórias tudo lhes corre bem  
são os únicos que se conseguem subtrair a essa fatalidade a que todas as  
pessoas estão fatalmente condenadas  
e são muito mais interessantes  
têm vidas aventureiras em que enfrentam os perigos e levam sempre a melhor  
e casam no fim e acabam sempre por viver muitos anos felizes  
Para mim que tento imaginar-me no futuro e não consigo  
que pergunto às pessoas como se encaixaram na vida  
que me fascinam com as suas histórias  
casamento, filhos, crescimento dos filhos  
*(Aproxima-se do centro da sala)*  
Crescer é horrível  
sob todos os pontos de vista  
Tudo o que fazemos, tudo o que dizemos  
tudo o que sentimos  
é logo catalogado naquele nome horrível

e se não dizem o nome é "aquela fase"  
como se tivéssemos apanhado "sarampo" ou qualquer coisa do género  
de repente deixamos de ter uma ideia própria e de a podermos exprimir  
não nos basta todas essas emoções contraditórias  
ainda temos que suportar essa despromoção inglória essa classificação terrível  
como uma "doença"

*(pega numa almofada em forma de coração)*

Na verdade ninguém gosta de ouvir determinadas coisas  
toda a gente prefere manter essa paz artificial em casa  
é por isso que a nossa energia é logo considerada "doente"  
posso mesmo dizer que talvez haja uma pontinha de inveja  
porque vivemos mais intensamente

É só uma questão de tempo

"cortam-nos as asas"

não de um único golpe mas a pouco e pouco  
e só descansam quando nos parecemos com eles  
"adaptados" devia ser a verdadeira "doença"

porque eles têm tudo sob controle

*(fixa a plateia, ainda de almofada à sua frente)*

Eles controlam tudo

o amor, os filhos, as amizades, as viagens

tudo controlado

já não há intensidade ou o quer que se pareça no que fazem ou dizem

por isso a nossa intensidade é uma ameaça constante

*(afaga a almofada)*

O amor não dura tempo suficiente

nem é suficientemente forte

para evitar que sejamos domesticados

por isso nunca esperei muito do amor

acaba por se tornar domesticado

com horários e locais próprios

e isso é o pior de tudo

ver o amor morrer nessa vida cinzenta

e não poder fazer nada

vê-lo morrer

por isso nunca esperei por esse momento dos horários e dos locais e das coisas  
certas

porque a vida já é suficientemente horrível e organizada em horários e locais

Tudo menos matar o sonho ou o amor que é da mesma matéria do sonho

*(aproxima-se do espelho e fita-se nele)*

Vamos ter muito tempo para deixar de nos reconhecermos

o nosso próprio rosto

o que nós pensamos que somos

o que amamos, até a cor dos nossos sonhos

*(Aproxima-se do ringue de boxe e experimenta a luva que olha*

*demoradamente e retira depois com um ligeiro sorriso)*

É isto que nos ensinam embora lhe chamem outras coisas

Já viram coisa mais primária para toda uma sociedade?

Quando se fala em competição, num "lugar ao sol", de que se trata senão de  
vestir a luva?

Até nos relacionamentos amorosos vale a técnica da luva

em tudo o que eu consiga associar ao que eles consideram próprio de um

adulto "adaptado"

em tudo em tudo

*(passeando pelo ringue de boxe)*

Agora para iludir essa técnica da agressão criaram umas teorias a que eu

chamo de "agressão camuflada" ou "agressão pelas traseiras"  
há até congressos sobre isso muito modernos  
o último grito  
ensina-se às pessoas como ser "assertivas" o que quer dizer tentar resolver as  
diferenças através de cedências mútuas  
e tentar acertar o passo umas com as outras  
Imagine-se até onde isto nos poderá levar  
Quando não se chamam as coisas pelos nomes próprios  
onde é que vamos parar?  
*(senta-se na cadeira perto da mesa, depois levanta-se e coloca-se de pé virada  
para a plateia)*  
Sabem que há duas versões para terminar este monólogo?  
Uma é de tonalidade mais dramática  
outra mais cômica  
mas para mim não faz qualquer diferença porque o dramático é  
irremediavelmente cômico e o cômico insuportavelmente dramático  
Portanto como vêm pegue-se por onde se pegue vai tudo dar ao mesmo  
*(colocando-se em posição de sentido)*  
O melhor é utilizar as duas versões  
Primeiro a versão dramática  
*(enquanto se dirige para o lado esquerdo da sala)*  
Dirijo-me de novo ao início do meu trajecto  
ah, a janela, lembram-se?, aberta sobre essas montanhas  
que amámos  
esse ar puro que entra na sala  
tudo o que amámos  
fecha-se a janela  
*(fecha a janela ruidosamente)*  
Há alguma coisa mais dramática que uma janela fechada?  
*(pega nos lápis de cor que destrói, nos bonecos de pano que destrói um a um,  
apaga as palavras do quadro negro)*  
Já decorámos tudo isto  
a bem dizer já matámos tudo o resto em nós  
que nem precisamos que nos lembrem nada disto  
*(dirige-se ao espelho que volta ao contrário)*  
que importa, este rosto já não sou eu  
*(enquanto retira da parede as figuras dos heróis)*  
retiram-se da parede as figuras dos heróis  
tudo em que acreditámos lá vai  
*(enquanto olha demoradamente para a almofada)*  
ah, o coração, o mais difícil de destruir  
onde nos dói mais  
*(destrói a almofada)*  
Capitulámos sem dignidade  
e isso é o mais horrível de tudo  
isso é que torna tudo insuportável  
*(aproxima-se da mesa e senta-se, depois levanta-se e coloca-se de pé virada  
para a plateia)*  
Esta era a versão dramática  
agora a cômica  
*(fixando a plateia de frente)*  
Se pensam que vim aqui revelar-me em público  
despir-me em público  
estão completamente enganados  
*(esboça uns passos de dança, pára de repente e fixa de novo a plateia)*  
porque nos ocultamos por detrás do que revelamos

e revelamo-nos por detrás do que escondemos  
(*ensaia novamente uns passos de dança enquanto sorri*)  
E eu sou apenas uma personagem  
(*parada de frente quase em posição de sentido*)  
Somos todos personagens de uma peça qualquer  
e a minha nem foi muito má  
Fechei a janela e depois?  
Fiquei com os livros  
talvez me abram outras janelas  
E os lápis de cor já estavam gastos  
não iam durar muito  
E o espelho agora já só me incomodaria  
e os heróis, quem no seu perfeito juízo vai escolher heróis  
e quem no pleno uso das suas faculdades mentais se lembra de amar para  
sempre  
Tudo é passageiro  
(*ensaia novos passos de dança*)  
E eu sou apenas uma personagem  
uma personagem  
apenas uma personagem

(*A luz apaga-se abruptamente.*)

## LACOS DE SANGUE

De: Victor M. Sant'Anna

Personagem: filha de 15 anos reproduzindo a última conversa que teve com sua mãe  
(A impressão inicial deve ser a conversa de uma mãe a sua filha, como se fosse a mãe falando, a voz da personagem deve falar como falaria uma mãe repreendendo a filha)

O que é que você ia me contar que era tão importante? Deixa eu te explicar primeiro porque você não pode sair, está bem?

(Amorosamente) Filha... presta atenção... Eu estou dizendo isso para o teu próprio bem...

(começando a perder a paciência) Olha para mim que eu estou falando contigo, por favor...

(explodindo) Puxa vida, que droga! Que \*\*\*\*\*! \*\*\*\*\*! Já falei quantas vezes? Quantas vezes vou ter de repetir isso? Você é surda? Não escuta o que eu digo?

(com muita raiva) Olha pra mim! Olha pra mim!

(falando mais calma) Olha, filha, eu faço isso é pra lhe proteger... Tenta entender! Você não tem idade suficiente... Como é que você vai sair à noite com suas amigas? Com quinze anos! Imagina!

(nervosa) Quer que aconteça o mesmo que aconteceu com outras... Uma desgraça?

(explodindo de novo) Olha pra mim! Tenta entender! Quer que aconteça contigo o mesmo que aconteceu comigo? Ter de largar casa, família, estudo para trabalhar para lhe sustentar? Fazer tudo sozinha, perder a vida toda! Nunca vou deixar que aconteça o mesmo! Prefiro morrer, está entendendo?

(falando mais calma, mas com raiva) Você não sabe o que é ter um filho para criar sem um pai para ajudar.

(falando mais calma) Eu sei que você não entende... É muito nova! Não pense que eu não sei o que você está pensando: que é responsável, que é inteligente... Mas você não sabe como é lá fora! (com mais força) Você não sabe como é lá fora! Você não entende essas coisas e não vai entender enquanto for criança!

(Amorosamente) Tem coisas que só dá para entender quando chega a idade certa...

(irritada) Não faz essa cara! Olha para mim que eu estou falando! Me respeita! (muito irritada) Me respeita! Está pensando o quê? Sou eu quem te sustenta! Eu é que te compro coisas! Você não pode largar tudo, tem de estudar! Não tem idade para namorar, tem é de pensar nos estudos! O que vai acontecer se você ficar grávida? Sem dinheiro, sem nada? Deus me livre! Prefiro morrer! Prefiro morrer, minha filha!

(Irritada, mas com menos intensidade) O que você está querendo não é certo! Não é certo! Só porque suas amigas são umas vagabundas, isso não é certo! Quer que aconteça uma desgraça, uma coisa ruim?

(notando que a comida no fogo está queimando) Olha só! Viu o que você fez? Fez eu deixar a comida queimar! Que \*\*\*\*\*! Idiota, você é uma idiota!

(ficando furiosa) Escuta! Escuta! Onde você vai? Me respeita! Fica aqui que eu não acabei! (com muita raiva) Eu vou lhe bater! Pare com isso! Está querendo apanhar, não é? Está pedindo!

(fazendo chantagem emocional) Por que você está fazendo isso comigo, minha filha? Eu não te dei tudo? Não de dou uma vida maravilhosa? Eu te dou tudo! Eu morro para te fazer feliz!

(chantagem com tom de raiva) Por que você não destrói tudo de uma vez? Para que tudo o que eu te dei? Termina logo com a minha vida, vai! Pega esta faca (oferece uma faca a alguém, no ar) e me mata de uma vez!

(A faca caindo no chão ou o som dela caindo no chão)

(A voz do personagem volta ao tom que deveria ser o esperado para uma filha de 15 anos, falando para alguém que poderia ser a polícia, por exemplo)

(com calma) O resto eu não lembro de nada... Foi aí que vocês chegaram... Depois disso lembro do barulho da faca caindo no chão e das minhas mãos cheias de sangue... mas... eu não lembro de mais nada do que aconteceu.

## O QUE HÁ DE NOVO, BETTE DAVIS?

De: Jaú Sant'angelo

### Cenário

*(Sala do apartamento escrupulosamente limpa, arrumada e organizada como uma sala de vitrine de loja com tudo: uma porta envidraçada com cortinas corridas, uma mesa redonda de mogno, impecavelmente polida, e um aparador giratório; numa parede, em uma moldura dourada um retrato da estrela, pintado em tons pastéis, trajando um vestido de renda, algo estilo “Jezebel”, discos; livros encadenados, imitando pergaminho, com letras clássicas em preto e vermelho; gravuras de caça e pesca; fotografias de família em molduras de prata; um vaso com rosas; cadeiras que na verdade são vasos sanitários disfarçados a moda antiga; um piano e partituras de trilhas sonoras . . . Tudo constaciosamente disposto, dando a impressão de estar à exposição para venda. Parece ter sido montada por um cenógrafo para um filme de Bette. Uma garrafa de whisky, um copo e um balde de gelo.)*

*( Bette entra completamente vestida, penteada e maquilada ao estilo Margot Channing de “A Malvada” com um script na mão. É muito feminina e sensual, busto cheio e quadris largos, braços tensos ao longo do corpo, cabelos tingidos de vermelho. O salão está em absoluta escuridão. A sala interior está iluminada apenas por um abajur. As cortinas da porta envidraçada estão corridas. Bette, aproxima-se da porta envidraçada e corre as cortinas. A claridade do dia entra pela sala. Olha o público de alto à baixo. A voz, dominadora e enérgica, com ênfase nas consoantes finais.)*

**Bette:**( Ao público.) Eu não sou um anjo, como vocês também não devem ser. É evidente que nos daremos muito bem.

*(Bette prepara uma gigantesca dose de Whisky escocês com um pouco de água, senta no sofá, cruza as pernas e, num gesto característico, forte como um lenhador, risca um grande fósforo de madeira, na parte inferior do tampo da mesa. Ela acende um cigarro, murchando as bochechas ao puxar a fumaça, mas não tragando. Abre o script e folheia.)*

*(Jogando o script longe.)* – Que porcaria! O mundo atual é um lixo! Meu Deus! Como odeio o que está acontecendo ao mundo! Este país também é um inferno! Se ao menos os Roosevelts ainda estivessem vivos para nos dizer o que fazer! Talvez devêssemos ir todos povoar a Patagônia. *(Tirando baforadas do cigarro, fita o público duramente, direto nos olhos, desafiando-os a não gostar dela.)*

Eu sou real..... real, corajosa e perigosa. Perigosa da maneira que uma estrela deve ser. *(Acende outro cigarro, segurando entre o polegar e o indicador, e pega mais um whisky: o cigarro e a bebida são como adereços e apoios.)* sei que fiz por merecer a fama de má, mas, Parai, às vezes vocês exageram.

*(Levantando-se e andando pela sala)* Ruthie! Oh, meu Deus! Quanta falta sinto dela! Devo-lhe tudo! Dizem que ela foi uma típica mãe de *show business*. Mas não foi. Superprotegeu-me e mimou-me em vez de me empurrar para as luzes do palco. Fui eu, e só eu, que resolvi tornar-me uma estrela. É verdade que ela desejava ser atriz. Mas ela jamais teria sucesso . Eu tive que ser monstro por nós duas. Desde o início, eu sempre soube que era boa e também sempre soube representar a avezinha abandonada e tristonha. Ninguém sabia dos meus planos. Todos pensavam: “Ela é impossível. Tem dois pés

canhotos e é incapaz de dizer Bu! a um ganso.”

Como estavam enganados! Eu seria capaz de dizer Bu! a um leão!

E meu pai? (*Fuma.*)

Ele nos abandonou quando eu tinha nove anos. Tudo o que eu consegui pensar foi: “Agora, podemos voltar a fazer piqueniques e ter uma irmãzinha.” Mais tarde, tive que aceitar uma tremenda falta dele. Ele era um crânio. Tinha grande orgulho de minha carreira, embora me julgasse malvada por abraçá-la. Certa noite, quando eu me apresentava na Broadway, ele veio ao camarim. Estava ansiosa para saber sua opinião. Mas ele foi reticente demais para fazer outra coisa senão expressar admiração por todos os componentes do elenco, exceto eu. O infeliz teve a coragem de dizer que eu seria uma boa secretária. Tive vontade de sacudi-lo e dizer: “Eu também estive ótima!” Mesmo assim, eu o amava muito e sua morte foi um terrível choque para mim.

(*Ao público.*) E os amantes? Vocês querem saber de tudo, não é mesmo? Afinal, foram tantos, não é mesmo? (*Pega o copo e derrama o whisky pela ampla goela. Anda pela sala, as mãos abanando como as barbatanas de uma foca, a fumaça sendo exalada em pequenos cogumelos que se elevam no ar, toda temperamento e talento, dentes e garras afiados. Fogo e música.*) - Meus maridos! (*Descontrolando-se, como se pronunciasse o nome de Adolf Hitler.*). Meu primeiro marido, como tenho certeza de que vocês sabem, chamava-se Ham! Ham Nelson! Adequava ao Ham, mas não ao Néilson. Nada tinha de herói! Batizei o Oscar em homenagem a ele. Tinha a inicial “O” no meio do nome, como David O. Selznick. Tinha as nádegas gordas, andróginas, que faziam as minhas parecerem com as de Charles Atlas! (*Explode numa gargalhada áspera.*)

Vi-o outro dia, e a primeira coisa que fiz foi olhar para sua bunda. Não melhorou nada. Portanto, ao pegar a estatueta, que ganhei por meu desempenho em “Perigosa”, disse para mim mesma ao revirá-la nas mãos: “Oh Deus, tem a bunda exatamente igual a de Ham!” Ora, eu não poderia batizar de Ham o maior prêmio de desempenho artístico do mundo, não é mesmo? Portanto, tinha que ser um Oscar!

## RETIRO DOS SONHOS

**De: Maricy Salomão**

**JACOB** – *(Entra em cena. Pola está sentada. Tristonha. Ele beija a mezuzá)* Shalom. **(Levemente consternado)** Agora há pouco, Pola, no trajeto trabalho-sinagoga, pela primeira vez entendi o que dizem... Mas o que houve? Chorava, Pola?

**POLA** – *(Com voz sumida)* Não.

**JACOB** – **Vus is dus?** Qual a desgraça de hoje?

**POLA** – *(Chorando, tanta se recompor)* Eu estou muito bem.

**JACOB** – **Ió**, bem se vê, e qual o motivo da alegria? *(Aproxima-se dela, fazendo-lhe carinhos)* **Mai taire fro**, não seja criança, os olhos dizem que o coração sofre.

**POLA** – *(Chorando)* Jacob, eu não quero ver a luz do sol deste mesmo lugar amanhã....

**JACOB** – *(Lamentando)* Ai! A pobreza é mais penosa que cinqüenta flagelos.

**POLA** – Moisés almoçou na casa da vizinha.

**JACOB** – *(Suspirando mais aliviado)* Ah, Criador do mundo, sabia que não era caso de vida-morte. Almoçou na italiana?

**POLA** – **Ió**. Quando chamei os menino para almoçar, Moisés disse: não estou com fome, **mamale**. Achei que estava doente, com febre. Quase fui atrás de você, na fábrica. As então, ele disse: almocei na dona Aurélia, **mamale**. Que desfeita, Jacob.

**JACOB** – E o que foi que comeu?

**POLA** – Uma coisa chamada **macarroni** com **polpetta**.

**JACOB** – **Polpetta** é carne?

**POLA** – E eu sei? Voltou todo sujo, tinha mancha de molha até nos cabelos. Moisés disse que ela pôs tanto molho, que parecia uma sopa.

**JACOB** – E Moisés aceitou?

**POLA** – Disse que só provou, por muita insistência dela.

**JACOB** – Ele sabe que não deve comer carne fora de casa.

**POLA** – Que castigo para uma mãe!

**JACOB** – **Oi-a-broch !** O que se leva uma vida pra construir, construir, uma **gói** me destrói em meio minuto .

**JACOB** – Será que comeu carne impura ?

**POLA** – Até onde vão as palavras , não , Jacob .

**JACOB** – Póla, você devia ter procurado a irresponsável da italiana .

**POLA** – Foi o que fiz .

**JACOB** – Você foi até lá ?

**POLA** – Dez passos de distância, dez mil anos de desgraça .

**JACOB** – E o que disse a ela ?

**POLA** – Primeiro , ela disse que sim , depois , jurou que não, que ele não comeu carne , que só provou um fiapinho do macarrão .

**POLA** – Eu não queira contar ,Jacob. Atormentar você com um problemas desses. Mas não conseguiu tirar a tristeza do meu coração. *(Chorosa)* Esta pensão me sufoca .É o mofo, a gritaria, um cheiro terrível de comida impura...

**JACOB** – Não pense que eu também não sofro .Sabe que hoje, ao voltar pra casa, no trajeto trabalho-sinagoga, pela primeira vez em muitas semanas ,entendi o que aqueles **Góis** do armazém lembra-se ? – eu já falei deles para você – sabe o que dizem quando passo por ali?

**POLA** – O que dizem ?

**JACOB** – Lá vai o judeu, assassino de Cristo.

**POLA** – A quem,Jacob/

**JACOB** – Olhei para trás e só vi a minha própria sombra.

**POLA** – A você ?

**JACOB** – **Ió** .E, com a garganta em fogo , sabe o que respondi?Sabe ?

**POLA** – **Naim**.

**JACOB** – Nada .Passei firme, a cabeça erguida e o olhar reto.Engraçado, Póla , no Brasil as pessoas andam com riso e palhaçada nos lábios, as não com ódio nos olhos .

**RODA VIVA**

(Comédia Musical em dois atos)

De: Chico Buarque

ANJO:

Ora, será o Benedito? Vamos!  
 Uma pulseira é importante  
 A jovem moda é quem manda  
 Um ioiô, desodorante  
 Sabonete e propaganda

*(Dirigindo-se a platéia)*

Ídolos de antigamente  
 Só vinham lá do estrangeiro  
 Eis que surge de repente  
 Artigo bem brasileiro  
 Sim, todos devem a mim  
 A novidade na praça  
 Pois quem não tem James Dean  
 Com Benedito já caça  
 Estou fazendo um serviço  
 Pro tesouro nacional  
 Economizo com isso  
 Divisas e capital  
 Mas, com todo requisito  
 Dos ídolos nacionais  
 Inda acho que Benedito  
 Soa caboclo demais  
 É preciso não chocar  
 Nossos telespectadores  
 Pra não desacostumar  
 Dos velhos galãs, senhores  
 Belos como Valentino  
 Valentes como Tom Mix  
 Que cante tango argentino  
 Como Gardel, tenha tiques  
 De puxar a sobancelha  
 (é velho porém funciona)  
 Use uma capa vermelha  
 Use ares de prima-dona  
 Seja forte, seja super  
 Misterioso, isso é importante  
 Use um quê de Gary Cooper  
 E um molho de Gary Grant  
 Mas leve também em conta  
 Nosso público infantil  
 Que a estatística o aponta  
 Como o maior do Brasil  
 Trabalhe então com empenho  
 Faça um tipo assexuado

Qual boneco de desenho  
Sem vício, em cor e animado  
Faça cara adocicada  
De bombom e açúcar-cande  
Mate de uma cajadada  
Meninada e gente grande  
Já o público adolescente  
Requer um outro papel  
É um pouco mais exigente  
Não crê em Papai Noel  
Já não tem tuberculose  
E acha a “belle-époque” cômica  
Diz que sofre de neurose  
Diz que teme a guerra atômica  
Já trocou tédio por fossa  
Já correu pro analista  
Use, pois de uma outra bossa  
Nessa bossa da conquista  
Um ar cínico e descrente  
Sensual e violento  
Para o nosso adolescente  
É a fórmula do momento  
Eis o ídolo afinal  
Nacional por excelência  
Tenho aí material  
Pra dez anos de evidência  
Vou fazer do meu menino  
Irresistível cantor  
Como manda o figurino  
Ou em francês, “comme il faut”

*(Luz em Juliana com tricô nas mãos;  
Fundo musical passa a desafio de  
moda caipira.)*

JULIANA:  
Benedito!

ANJO:  
Quem está aí?

JULIANA:  
È Juliana do Benedito. E você quem é?  
O que faz aqui?  
O que quer?

ANJO:

Vim aqui para tudo mudar  
Tudo pra melhor, querida  
Seu marido vai trocar  
De carne, de nome e de vida

*(Aproximando-se)*

JULIANA:  
Mas que intimidade é essa  
Se nem sequer o conheço?  
Benedito, venha depressa

Vire esse homem pelo avesso!

ANJO:

*(Aproximando-se mais)*

Cala a boca, fala baixo  
Esquece o nome do teu homem  
Mesmo porque eu acho  
Que agora ele já mudou de nome

JULIANA:

Por favor, chega pro lado  
Assim não, seu indecente!  
É melhor tomar cuidado  
Benedito é bem valente!  
Por favor, vê se me larga  
Benedito vem nesse momento!

ANJO:

*(Bem chegado)*

Eu sou seus anjo da guarda  
Tenho aqui vinte por cento  
Essa é a minha porcentagem  
Num trabalho de valor  
Sou seu manager, seu pagem  
Sou seu sócio e protetor  
Eu vou proteger seus bens  
Mas lucro até com sua morte  
Vou entrar nos seus haréns  
Vou ganhar com sua morte  
Vou usar seus grandes carros  
Vou vestir seus lindos ternos  
Vou fumar nos seus cigarros  
Vou guardar louros eternos  
Mas não vá pensar que eu sou agiota  
Ou avarento  
Sou apenas inventor  
Levo só vinte por cento

JULIANA:

Chega! Não fale mais!  
É demais! Não acredito  
Sai pra lá! Me deixa em paz!  
Vou gritar: Ô Benedito!

*(Entra Benedito todo sorridente  
dentro da roupa nova e brilhante)*

ANJO:

Parabéns, está genial!  
Eu sou teu primeiro fã!  
Bem, já vou-me embora, cião  
Ou em francês, “ademã”

*(Faz um “V” com a mão e sai)*

## O ÚLTIMO ENCONTRO

de: Edla Van Steen

Personagens:

Mira

Marcelo

Mira: (da cozinha) Não ouvi o que você disse. Repita.

Marcelo: (quase gritando) Que estou morto de fome. (aproxima-se da mesa) Mortadela, queijo, e vinho. Pode haver coisa melhor? (Corta um pedaço de queijo, põe o pé em cima da cadeira) Não. Jamais.

Mira: (trazendo o pão) Ah, Marcelo, vamos sentar distintamente. *Comme il faut*. Pela louça.

Marcelo: É requinte demais.

Mira: (Sentando-se) Às vezes, respeitar os antigos costumes é tão simples. Sentamos os dois, elegantemente, e...em homenagem à cãs, bancamos os distintos. Fazemos de conta que tudo correu à mil maravilhas...

Marcelo: (cortando) E que gente rica não mija nem caga igual aos outros, que é superior, usa urinol de ouro, como se isso transformasse as suas pastosas merdas em manjar branco? Já escrevi essa história, em várias versões.

Mira: (levantando-se) Você esta sendo grosseiro.

Marcelo: Eu?

Mira: Você.

Marcelo: Sempre fui.

Mira: Não foi não, você sabia ser muito delicado, quando queria.

Marcelo: Delicadeza...Boa educação. Era só o que me faltava.

Mira; (olhando para a platéia) Sentava perto de mim e lia, enquanto eu brincava. Cansei de dormir com a cabeça no seu colo... Você era o meu melhor amigo. O meu protetor.

Marcelo: E como você me retribuiu? Me traindo com o primeiro...

Mira: Pare, Marcelo.

Marcelo: Esta bem. Desculpe.

Mira: Grosso, você nunca foi. Teimoso, sim. E mau. Uma vez ficou sem falar comigo uma semana. Como eu sofri!...

Marcelo: A vingança dura até hoje.

Mira: Eu não fiz nada.

Marcelo: Imagina se fizesse.

Mira: Você prometeu que neste nosso encontro...

Marcelo: Vai me dizer que não reconhece que acabou comigo, que me destruiu...

Mira: Eu?

Marcelo: Você é a mais horrenda pessoa que encontrei em toda a minha vida. E olhe que eu incluo nisso gente da pior espécie, ladrão, vagabundo, prostituta.

Mira: Por favor, Marcelo.

Marcelo: (ainda irritado) Algum dia a gente tem que passar tudo a limpo.

Mira: (autoritária) Nos combinamos. Nada de acerto de contas, e vamos cumprir.

Marcelo: Tem medo, não é? Medo.

Mira: Não. Ter medo representaria reação, E eu estou indiferente.

Marcelo: É claro. Os algozes não se arrependem.

Mira: ( Voltando-se nervosa) O que é que você quer, briga? Foi para isso que me chamou aqui? Então vamos lá. Quer transferir para mim uma culpa que não admito que tenho. Sua cabeça doentia quase nos levou à loucura. Ou você esqueceu?

Marcelo: (em tom apaixonado) Sou capaz de descrever as suas roupas, as suas mania, seu jeito de andar. Sei você de cor.

Mira: Não sabe. Eu era outra Mira.

Marcelo: É aquela que eu amo.

Mira: Uma menina que não tinha noção da vida e que se casou e perdeu a confiança... Que amou muito e que se decepcionou muito... Alias, não faço outra coisa senão me decepcionar...Com tudo...Meus filhos não precisam mais de mim. Há noites que estou tão sozinha ...Tenho vontade de gritar...Tantos sonhos...

Marcelo: Eu não sonho mais. Perdi a capacidade de ter esperanças. Eu me fodi, entendeu? Me fodi. De cabo a rabo.

Mira: Desculpe interromper, mas esta escurecendo, Marcelo. Você não quer acender as luzes?

Marcelo: (cínico) Pois não. A senhora manda.

## A RESISTÊNCIA

de: Maria Adelaide Amaral

Personagens:

Leo

Márcia

Leo: (ao telefone) Alô, sim... Não, ela ainda não chegou. Eu dou, sim. Um instante que eu vou anotar. (pega uma caneta e um papel) Pode falar (anota) Ok. Eu dou o recado, sim. É o Léo. Sim, claro. De nada (desliga)

Márcia: (entrando) Só você?

Léo: Tem mais gente por ai?

Márcia: O Luiz Raul chegou? Esta bolsa não é dele?

Léo: (pegando o jornal) Está tomando café com a Bel.

Márcia: (zanzando pela sala) Ele disse a você alguma coisa, por que faltou esses dias todos?

Léo: Por que você não conversa com ele?

Márcia: (aproximando-se para pegar o jornal) Como é que está o negócio?

Léo: (continuando a ler) Que negócio?

Márcia: O que é que está acontecendo por aqui?

Léo: (separando uma parte do jornal) Toma. Eu já li esta parte...

Márcia: Eu quero ler...não tenho tempo agora...(há uma pequena pausa. Léo está irritado e Márcia percebe isso) Você está nervoso?

Léo: (dobrando o jornal com toda a calma) Esta foi a última vez que eu fiquei trabalhando.

Márcia: (conciliadora) Mas o que é que há, Léo? De vez em quando é assim mesmo, na hora de fechar a revista tem problemas. A gente tem que ver um negócio, outro, é normal!

Léo: Normal porra nenhuma! Normal é a gente trabalhar oito horas por dia!

Márcia: Mas isso aqui não é fábrica Léo! A gente trabalha em ritmo diferente. Há dias em que você trabalha mais, outros que você trabalha menos, é assim mesmo!

Léo: Não vem com essa para cima de mim! Para fazer essa revista dez dias chega! Isso aqui é uma merda. A maior parte dos artigos são enlatados, é a gente mesmo que traduz, não tem mais uma reportagem! Qual é o galho?

Márcia: E a gráfica? Você pensa que a gráfica trabalha só com a gente? E o resto da publicações? E o que vem de fora? Para ser impresso aqui? Você nem leva em consideração?

Léo: A única coisa que eu levo em consideração, daqui para frente é o tempo que eu vendi à empresa no meu contrato de trabalho! O resto que se foda!

Márcia: Você é que pensa!

Léo: Não é só o que eu penso! É o que vou fazer daqui para frente!

Márcia: (perdendo o controle) Você faça o que quiser, eu não respondo pelas conseqüências!

Léo: Devo considera isso uma ameaça?

Márcia: Não estou ameaçando ninguém, mas isso aqui não é boutique que você abre às oito e fecha às seis! Isto aqui é uma revista. A gente depende de meio-mundo! Eu não posso me dar o luxo de ter um redator que resolve fechar a lojinha na hora que lhe dá na telha e se arranca na hora do pau!

Léo: você quer é mostrar serviço! O que você quer é que o “homem” passe por aqui às oito da noite e veja a tua redação funcionando! O que você quer é que ele fique pensando na puta líder que você é, que consegue manter o pessoal funcionando a noite inteira, dando o sangue à empresa, enquanto o resto das redações já apagaram as luzes! Mas para mim chega! Eu dou o meu sangue sim, mas não por isto daqui! Acabou! A festa acabou!

**PEGA FOGO**

de: Jules Renard

Personagens:

Pega Fogo

Annette

(Pega fogo esta brincando sozinho com um inseto. De repente ouve palmas e vai atende a porta)

Pega Fogo: Procura alguém senhorita?

Annette: (entrando) A sra. Lepic. Ela não esta?

Pega Fogo: Não e acho que vai demorar. Deseja alguma coisa?

Annette: Sou a nova criada.

Pega Fogo. Sei...sente-se.

Annette: Não estou cansada. Obrigada.

Pega Fogo: Como é seu nome?

Annette: Annette Perreau.

Pega Fogo: Vou chama-la de Annette. É mais fácil. Eu sou o Pega Fogo.

Annette: Heim?

Pega Fogo: O mais novo dos filhos Lepic. Que tem apelido de Pega Fogo. A sra. Lepic não falou no meu nome?

Annette: Não. Tem muito trabalho aqui?

Pega Fogo: Não: doze meses no ano. Mas o serviço nunca é pesado demais e eu...(meio encabulado) te ajudo...

Annette: (ela fica supresa e gaba-se) Eu sou forte!

Pega Fogo: Tem jeito...

Annette: Mas no que o Sr. Me ajuda, Sr. Lepic?

Pega Fogo: Me chame de Pega Fogo!

Annette: Sr. Pega Fogo...

Pega Fogo: Nada de Sr...Sr. Pega Fogo!...Se a Sra. Lepic ouvisse, ela se arrebentaria de tanto rir. Simplesmente Pega Fogo!

Annette: Pega fogo não é um nome cristão. O Sr. deve ter outro nome de batismo.

Pega Fogo: (triste) Mas nunca foi usado.

Annette: E de onde saiu esse apelido?

Pega Fogo: Foi a Sra. Lepic que me deu, por causa da cor dos meus cabelos...Portanto pode me chamar de Pega Fogo.

Annette: Não tenho coragem...Pe...ga...

Pega Fogo: É melhor se acostumar...Olha, nossos quartos ficam no sótão, um ao lado do outro. Logo que levantamos eu cuido dos animais e você se encarrega do café da manhã da família. A Sra. Lepic...

Annette: Sua mãe?

Pega Fogo: Sim...Toma café com leite. O Sr. Lepic...

Annette: Seu Pai?

Pega Fogo: Sim. Não me interrompa, Annette. Assim você corta o meu raciocínio...O Sr. Lepic toma café preto e meu irmão Félix, chocolate...

Annette: E o Senhor?

Pega Fogo: (dissimulado) Eu nunca tenho fome.

Annette: Não gosta de chocolate como o seu irmão?

Pega Fogo: Não, por causa da nata.

Annette: Bom...Sempre tem novidades por aqui?

Pega Fogo: Muito raramente. O Sr. Lepic não gosta de visitas, faz cara feia aos convidados da Sra. Lepic e eles nunca mais voltam...

Annette: Eles são muito exigentes?

Pega Fogo: (confidencial) Ouça, Annette, vá pela minha cabeça se quiser esquentar lugar. Pra quem vê, o Sr. Lepic parece durão, mas...

Annette: Ele gosta do Sr?

Pega Fogo: Acho que sim...a seu modo, em silencio.

## A DAMA DAS CAMÉLIAS

de: Alexandre Dumas Filho

Personagens:

Margarida

Armando

Armando: (indo-se ajoelhar aos pés de Margarida) Margarida!

Margarida: O que você quer?

Armando: Quero que me perdoe.

Margarida: Você não merece! Está certo que tenha ciúme...e me escreva uma carta irritada...mas nunca uma carta irônica e impertinente...voce me magoou de mais Armando.

Armando: E você. Margarida, pensa que também não me magoou?

Margarida: Mas eu, não foi por mal.

Armando: Quando vi o Conde chegar, quando percebi que era por causa dele que me despedia, fiquei como louco, perdi a cabeça e escrevi aquela carta. E quando, em vez de respostas que eu esperava, em vez de desculpas, você mandou dizer, secamente que a carta estava entregue, e não tinha respostas, não agüentei mais...o mundo ficou vazio...por que se eu te conheço a poucos dias Margarida, há dóia nos que te amo...

Margarida: Por tudo isso é que vale mais ficar onde estamos. Você é um rapaz sensato: devia ter visto em mim o que há de bom, deixar o que não presta e ignorar o resto.

Armando: Margarida, você fez-me acreditar que passaríamos alguns meses longe de Paris. Eu cai dessa esperança na realidade, por isso é que sofri.

Margarida: É verdade... e eu ainda fui mais longe...disse assim comigo: acho que um pouco de descanso me faria bem; ele esta preocupado com a minha saúde. No fim de três ou quatro meses tínhamos voltado para Paris, dado um bom aperto de mão e transformado em amizade os restos do nosso amor. Mas seu coração é um senhor altivo que nada aceita.

Armando: Está louca, eu te amo, Margarida! E isso não quer dizer que é bonita e que ia me atrair por uns quatro meses; mas que é toda a minha esperança, todo meu pensamento toda minha vida. Eu te amo! O que mais posso dizer?

Margarida: Então mais uma razão – é melhor nos separarmos desde já.

Armando: Naturalmente, porque você não gosta de mim.

Margarida: Isso não é verdade. Há momentos que eu não quero interromper o sonho começado; porque há dias que me sinto fatigada dessa vida que levo; porque no meio de nossa existência ruidosa, a cabeça, a vaidade, os sentidos vivem...Mas o coração aperta e como não pode se expandir, sufoca. Por isso, às vezes, eu sonhava, sem dizer nada a ninguém, encontrar um homem que fosse capaz de me pedir satisfação e quisesse ser o amante de minhas emoções... então eu te conheci – moço, ardente, feliz; as lágrimas que te vi derramar por minha causa, o interesse que te vi demonstrar por minha saúde, as visitas misteriosas enquanto estive doente, a franqueza, o entusiasmo, tudo isso fez com que eu te tomasse por aquele a quem vivia chamando, do fundo de minha ruidosa solidão. Você quis saber de tudo, agora já sabe!

Armando: E pensar que depois do que me disse eu vou deixa-la? Depois de ter ouvido o que eu ouvi? Quando a felicidade me abre os braços, vou lhe voltar as costas? Não, Margarida, nunca; seu sonho vai se realizar, juro. Não falemos mais nisso, nós somos moços, gostamos um do outro – sigamos o nosso amor.

Margarida: Não me engane, Armando; sabe que uma emoção violenta pode me matar; lembre-se de quem eu sou e do que sou.

Armando: É um anjo, eu te amo!

(abraçam-se apaixonadamente)

**O ABAJOUR LILÁS**

de: Plínio Marcos

Personagens:

Giro

Dilma

Giro: (entrando Dilma se vira e se assusta com ele) Puta susto que tu levou!

Dilma: Por que tu não bate antes de entrar?

Giro: Queria te pegar no flagra. Sabia que ia te encontrar aí sentada como uma vaca prenha. Não quer mais nada. Estou na campana. Assim não dá pedal. Tu e a outra não querem porra nenhuma. Que merda! Que merda!

Dilma: Não viu que o freguês se mandou agorinha?

Giro: Aqui, o! Ele saiu há um caetão de tempo.

Dilma: Conversa! O freguês saiu neste minuto. Ainda nem me lavei.

Giro: Claro, fica aí sentada pensando, pensando, nem vê o tempo passar. Se tu fosse esperta, nem se lavava. Encarava um loque atrás do outro, de qualquer jeito.

Dilma: Não sou porca.

Giro: Que merda, que merda, tu e a Célia estão se escamando. Por isso que esse mocó não rende a metade do que devia render. Qualquer filho da puta com um apartamento desse faz uma bruta nota. O desgraçado aqui só fica com as sobras.

Dilma: Já me virei paca hoje. Oito vezes não é mole.

Giro: Isso não é nada.

Dilma: Quem está ardida é que sabe.

Giro: Também se lava com sabão de coco. Pensa que eu não sei?

Dilma: É o melhor.

Giro: O mais barato.

Dilma: Desinfeta. Vale tanto quanto álcool!

Giro: Grande merda! Grande merda! Aqui o! Toda puta sabe que na primeira sexta-feira depois do dia dez é que os cavalos de salário-mínimo vem pras bocas a fim de tirar o atraso.

Dilma: Por hoje chega. Fiz o que pude. E também, já é fim de noite. Não tem mais ninguém na rua.

Giro: (vai até a janela) Vem olhar. Olha quanto trouxa se batendo atrás do mulherio. Vem ver. A Célia deve estar esperando tu descer pra subir com freguês. Queria eu fazer michê. Não ia dar moleza. Fazia uns vinte por dia. E de cara alegre.

Dilma: Com a tua cara, tu ia morrer de fome. Ia ser um sarro. Tu ia ganhar o que a Maria ganhou na horta.

Giro: Vai gozando. Tu vai ver o chaveco que vou aprontar pra tu e pra Célia.

Dilma: Vai mandar me dar um couro?

Giro: Não sei, na hora tu vai ver.

Dilma: Se tu fizer graça eu te apronto.

Giro: Otária eu tenho cobertura. Tenho dinheiro, arrumo tua cama direitinho. Se tu duvida apronta o rolo, apronta e deixa pra mim. Eu não sou mau. Tu me conhece. Sou igual a todo mundo só quero uma grana. Você e a Célia não são do batente? Já pensou se amanhã tu ou ela ficam podres?

Dilma: Vira essa boca pra la!

Giro: É, mas uma manhã dessas, eu vim limpar o mocó e sabe o que eu encontrei? Um puta de um escarro, com sangue. Que nojo!

Dilma: Não fui eu.

Giro: Bem você entendeu alguém aqui está podre, se não foi tu foi a Célia.

**O CORDÃO UMBILICAL**

de: Mário Prata

Personagens:

Kátia

Didi

Didi: (atendendo a porta) Quer falar com quem?

Kátia: Não se lembra de mim, não?

Didi: Riseth!

Kátia: Que Riseth, pó. Sou a Kátia, lembra?

Didi: (lembrando-se) Más é lógico. Que é que você quer?

Kátia: Quero entrar, uai. Vê se se manca, né?

Didi: Vamos entrando; quem é vivo sempre aparece! Tava na buate?

Kátia: (irônica) Não, num pique-nique.

Didi: Entra. Vem cá para o meu quarto. Sumiu, hein? Outro dia fui te procurar na buate mas você já tinha saído. Acabei ficando com a Norma, conhece?

Kátia: A Norma Túnel-Velho? (olhando para o quarto)

Didi: Deve ser...

Kátia: Aquele cara, seu amigo...ainda mora aqui com você?

Didi: O Marco? Mora. Ta meio famoso agora. Outro dia apareceu na televisão no "Almoço com as Estrelas", do lado do Jerry Adriani e da Nalva Aguiar...

Kátia: Ele escreve, né?

Didi: Só palavrão. Um sujo. Minha mãe nem leu. E ainda ficou uma arara. Acha que ele pode me influenciar.

Kátia: Você também escreve palavrão?

Didi: Que isso?

Kátia: Como se não falasse palavrão.

Didi: Falr é uma coisa, escrever é outra.

Kátia: Mesma coisa. Palavrão é palavrão, Dedé...

Didi: Meu nome é Didi.

Kátia: desculpe Didi. Olha eu preciso de um favorzão seu.

Didi: estamos aqui para o que der e vier, e muito especialmente para quem vier e der!...

Kátia: Não é nada disso, Sabe, Dada...

Didi: Didi! Didi! V~e se guarda: D-I-D-I. Didi.

Kátia: Sabe Didi, um dia tinha que acontecer. O Freitas lembra dele? (Didi faz que não com a cabeça) O meu Coronel, pombas! Me mandou embora.

Didi: Ele arrumou coisa melhor?

Kátia: Me mandou embora devido que descobriu que estou grávida.

Didi: E ta mesmo?

Kátia: Tou

Didi: Puxa que fria. Va tirar?

Kátia: Nunca. Never. Isto lá é coisa que se faça? Matar o pobre do bichinho?

Didi: É... pensando bem.

Kátia: E ademais, foi culpa minha. A minha religião não permite. Qualquer dia te conto tudo. Então, o Freitas, sem mais nem menos, tirou a minha chave com a mesma cara de filho da mãe que me entregou quando eu fui pra lá. Pegou minhas coisas, me deu , e depois me deu uma puta porrada aqui no olho esquerdo.

Didi: É, o olho ta meio vermelho mesmo. Foi agora?

Kátia: Agorinha, o safado filho de uma puta, deu uma porrada na minha cara e disse que eu não passava de uma mulherzinha, vulgar, suja e beata!

Didi: Você não está querendo que eu v ala na casa do seu Coronel e de uma porrada nele não é?

Kátia: Não é nada disso. O que eu queria pedir pra você e para seu amigo, para morar aqui com vocês.

**A Partilha**

de: Miguel Falabela

Personagens:

Regina

Selma

(Selma está em pé velando a mãe. Regina chega, olha a mãe no caixão. Tempo)

Regina: Ela está com uma cara tão tranqüila...

Selma: É. Mas penou muito coitada...Eu é que sei.

Regina: Você tratou de tudo?

Selma: Claro.

Regina: (incrédula) Você mesma escolheu o caixão?

Selma: Alguém tinha que escolher. Você some, a Laurinha vive enfiada no jornal. Se eu não tomasse as providências mamãe ia acabar num saco.

Regina: Não estou te criticando. Não precisa ficar nervosa.

Selma: Vocês deviam me agradecer, isso sim...

Regina: Esquece (Olha a mãe no caixão. Pausa) Você notou que ela morreu sorrindo? Deve ter tido uma revelação no momento final. Eu acho que o papai em pessoa veio busca-la.

Selma: Não começa com suas filosofias orientais, Regina. Não começa, que você sabe muito bem que eu não acredito em nada disso. Papai já morreu há doze anos, se ele tivesse que vir buscar a mamãe, pra que esperar tanto tempo?

Regina: Acorda, filha da luz! Bom, o importante é que ela está muito melhor do que nós. Pelos meus cálculos, ela deve estar saindo da câmara de recordações e se deslumbrando com a planície astral!

Selma: Você fala como se fosse uma alma penada fazendo turismo na terra! Ai, chega Regina! Chega, que essas coisas não me convencem. (pausa)

Regina: Quer um café?

Selma: Não. Parei de fumar. Se eu tomar um café, não resisto. (anda de um lado para outro) Você avisou alguém?

Regina: Algumas pessoas. Poucas. Seus filhos não vem?

Selma: O Mário ta em São Paulo. A Simone, você sabe como é, não quis vir e eu não insisti.

Regina: Devia ter insistido. Mais cedo ou mais tarde, ela vai ter que encarar a morte. É doloroso, mas é necessário pro crescimento. E além do mais, a mamães já estava doente há bastante tempo. Era uma coisa esperda.

Selma: Psicologia de bolso. Os seus filhos onde estão?

Regina: Num festival de surf em Saquarema, eu acho.

Selma: Um programa bem mais interessante do que enterrar a avó. (pausa, elas se estranham um momento) Teve notícias da Maria Lúcia?

Regina: Não. Ela estava com dificuldades de arranjar lugar. Os ôos estão todos lotados. Mas ela deve estar chegando por aí...

Selma: Eu não acredito que tanta gente viagem de Paris para o Rio, nessa época do ano. Isso pra mim é desculpa pra não vir, Maria Lúcia nunca ligou muito pra mamãe.

Regina: Isso não é verdade, Selma! Maria Lúcia mora em Parise Paris não é a Tijuca. Fica meio contramão dar um pulinho, ali, no São João Batista, você não acha?

Selma: (perto do caixão) Qual é o problema que vocês tem com a Tijuca, quer me dizer? Vocês vivem implicando com a Tijuca! (pausa) A Laurinha, outro dia, teve a cara de pau de me ligar, pra me entrevistar. Disse que estava traçando um perfil da classe média tijuicana.

Regina: (ri) O que você fez?

Selma: Mande ela tomar no cu (fica chocada com as próprias palavras) Ai que horror! (dá uma espiada na mãe) espanta essa mosca aí, Regina.

Regina: Quem, te viu e quem te vê, hein? O seu marido o Luiz Fernando deixa você falar palavrão?

Selma: Eu to mudando, Regina. Agora escreveu, não leu o pau comeu. (as duas caem na risada)

**A SEPENTE**

de: Nelson Rodrigues

Personagens:

Lígia

Paulo

(Lígia e o marido de sua irmã, Paulo se encontram fora de casa)

Lígia: Ah, Paulo!

Paulo: Vamos sentar, ali.

Lígia: Estou assustadíssima.

Paulo: Agora, você é que me assusta.

Lígia: Bobagem minha (muda de tom) É a minha irmã, a Guida, quem pode ser?

Paulo: Mas ela não mudou contigo?

Lígia: Por isso mesmo. Há muito tempo, não é tão doce comigo. Me pediu perdão.

Paulo: Então meu bem, ótimo.

Lígia: Paulo, o que é que ela esconde? Sorria pra mim e tinha um olhar de ódio. O que é que essa mulher quer de mim?

Paulo: Não chame sua irmã de mulher.

Lígia: Te juro. Guida é capaz de tudo, capaz de me matar, Paulo.

Paulo: Calma meu bem.

Lígia: Está certo. De vez em quando, eu me assusto. Por falar nisso, você sabe que eu achei lindo outro dia? Foi quando você disse que matava Décio. Por minha causa. Agora me diz. Responde, e a gente muda de assunto. Se a Guida quisesse me matar, você a mataria antestes?

Paulo: Isso é uma hipótese tão cruel!

Lígia: Parece incrível que precisei esperar dez dias para falar contigo, para te olhar. Hoje vou te olhar muito. Vou segurar a tua mão. Você está gelado. Meu bem. Mãos frias!

Paulo: (segurando a mão de Lígia) Você também está gelada. Em mim é uma febre.

(Lígia beija a mão do cunhado)

Lígia: E se Guida estiver por aqui, escondida, vendo a gente. E se aparecer de repente? Perdão, meu bem. É interessante. Beijo tua mão. Tão inocente beijar a mão. Me encontro contigo, como se fosse tua amante e você nunca me disse que gosta de mim. Só naquela noite é que você me chamou de meu amor, meu amorzinho. Mas você não sabia o que estava dizendo. Se fosse outra você diria o mesmo. Nessa hora, o homem diz tudo, a mulher diz tudo.

Paulo: Eu estava louco!

Lígia: Hoje, foi tua mulher que me disse: - “Vai, vai –insistiu –vai passear” Queria que a gente se encontrasse.

Paulo: (na sua angustia) Você precisa sair lá de casa, meu coração.

Lígia: Você está me expulsando?

Paulo: Lígia...

Lígia: Posso te fazer uma pergunta?

Paulo: É melhor não fazer perguntas

Lígia: Mas vou fazer assim mesmo. Não desvia o rosto olhe para mim.

Paulo: Estou olhando.

Lígia: De quem você gosta mais? De mim ou de Guida?

Paulo: Lígia, por favor...

Lígia: Responda, Paulo.

Paulo: Te amo.

## O CASAMENTO SUSPEITO

de: Ariano Suassuna

Personagens:

Cancão

Frei Roque

(Sala de um casarão sertanejo entra Cancão e Frei Roque conversando)

Cancão: Quer dizer que São Francisco era ali na exata, não era, Frei Roque?

Frei Roque: São Francisco foi o santo na exata Igreja católica. Mas onde está o Geraldo, que você ainda não disse.

Cancão: Mas era homem virtuoso mesmo?

Frei Roque: São Francisco foi o homem mais virtuoso da Europa.

Cancão: Era caridoso? Dava muita esmola?

Frei Roque: Ah, num dia só dava mais esmola do que toda a Europa em dez anos.

Cancão: Mas era homem de coragem?

Frei Roque: De coragem?

Cancão: Sim era homem valente?

Frei Roque: São Francisco foi o santo mais valente da Igreja católica.

Cancão: Mas era homem de quebrar a cara dum?

Frei Roque: Cancão, São Francisco era homem para o que desse e viesse!

Cancão: Como é que o senhor sabe?

Frei Roque: E como é que você não sabe?

Cancão: Eu não acredito nessas coragens escondida não, sabe, frei Roque? Se ele tivesse sido macho mesmo, a gente terminava sabendo. Pelo menos uma cara ele teria quebrado.

Frei Roque: Ó Cancão, sabe do que mais? É capaz dele ter quebrado!

Cancão: Frei Roque!

Frei Roque: Eu não tenho certeza não, mas antes de ser santo é capaz dele ter quebrado a cara de algum safado.

Cancão: Ai e ele não foi santo logo não?

Frei Roque: São Francisco? São Francisco foi o maior desordeiro da Europa. E é bem possível que nesse meio algum desordeiro tenha se metido a besta para São Francisco e São Francisco pagava o cara assim pela gola e dizia: “Desordeiro, você agora vai ver quem é São Francisco!” (agarra Cancão e vai demonstrando) E metia-lhe a tapa na cara! Abria a mão assim e lapo!

Cancão: Ai, Frei Roque!

Frei Roque: Pegava o sujeito assim, fechava a mão la dele e lapo.

Cancão: Ai, Frei Roque! Assim eu morro!

Frei Roque: Esta aí, viu? Isso é para não se meter a besta com a Igreja Católica!

Cancão: E dedicado? São Francisco era muito?

Frei Roque: São Francisco foi o Santo mais dedicado da Igreja católica.

Cancão: Confessou muito? Deu muita extrema-unção?

Frei Roque: Deu maiôs extrema-unção do que todos os santos da Europa juntos.

Cancão: Ele recusava a atender um chamado quando muito longe para dar a extrema-unção?

Frei Roque: Nunca! Podia ser longe como se fosse, São Francisco ia.

Cancão: De carro?

Frei Roque: E tinha carro naquele tempo?

**O CAVALINHO AZUL**

de: Maria Clara Machado

Personagens:

Velho

Vicente

Velho: Sozinho, menino, nesse caminho?

Vicente: Quem é o senhor?

Velho: (meio surdo) O que?

Vicente: Quem é o senhor?

Velho: João de Deus.

Vicente: (espantado) O senhor é...o Deus?

Velho: (depois de uma pausa, gozador, topando a confusão) Sou.

Vicente: Do catecismo?

Velho: sim...sou

Vicente: deus no duro? Padre eterno?

Velho: No duro.

Vicente: aquele que está em toda parte?

Velho: Aquele mesmo.

Vicente: Então, Senhor Deus, quer fazer o favor de olhar onde está o meu cavalinho azul?

Velho: O que?

Vicente: Pois o senhor não vê tudo?

Velho: Vejo. Claro que sim...

Vicente: Cabos, ilhas, istmos, serras e tudo? E idéia na cabeça também?

Velho: Também.

Vicente: Então cadê ele?

Velho: Ele?

Vicente: O cavalo. Não viu ? O meu ?

Velho: Não vi.

Vicente: Mas você não vê tudo?

Velho: Ah! Vi sim. Muito lindo seu cavalo.

Vicente: azul?

Velho: Sim. Com cauda azul, muito comprida...

Vicente: Não, a cauda é branca, ó Deus você esqueceu?

Velho: Esqueci não. Fico cansado de ver tudo ao mesmo tempo...

Vicente: Deve cansar mesmo ver tudo ao mesmo tempo. Não tem dor de cabeça? Eu não. Não sou como o senhor. Coitado! Só vejo poucas coisas...e o meu cavalinho.

Velho: Então vamos achar o seu cavalinho.

Vicente: O senhor vem comigo?

Velho: Não posso, menino. Se vou procurar seu cavalo, quem é que vai vigiar o mundo?

Vicente: O senhor não pode deixar algum santo fazer isso por uns dias?

Velho: Não posso.

Vicente: Então Adeus.

Velho: Espere, menino. Onde é que você vai?

Vicente: Vou indo por aí ver se acho ele.

Velho: Quando você precisar de mim, é só chamar que estou ali sentado naquele banquinho.

Vicente: É dali que o senhor vigia o mundo?

Velho: É

UMA CONSULTA

de: Arthur Azevedo

Personagens:

A Senhora

O Doutor

O Doutor: Isto é insuportável! Não tenho licença de estudar?... Mora cá por cima um médico velho, que tem a mania de louça antiga. É um colecionador! Quer pendurar enormes pratos à parede, tem a vista cansada, e de vez em quando é isso que se vê...quero dizer ouve! E eu preciso estudar tranquilamente meu processo de amanhã.(batem à porta) Mais essa. Entre.

(A senhora entra pensando ser o consultório médico, e para no meio da cena intimidada)

O Doutor: Queira sentar-se, minha senhora, e dizer o que ordena, (à parte para a platéia) É bonita!

A Senhora: (sem se sentar) Desculpe-me Dr...estou surpresa...supunha encontrar...

O Doutor: Esteja à vontade, minha senhora, e tenha toda a confiança em mim. Este consultório é um confessionário.

A Senhora: Sim, mas eu julgava...(baixa os olhos)

O Doutor: (à parte) É linda! (alto) Aqui tem uma cadeira.

A Senhora: Estou perturbadíssima... (senta-se) à vista da sua grande reputação, supus que o Doutor fosse mais velho...

O Doutor: (de pé) A suposição é lisonjeira para mim.

A Senhora: Julguei encontrar aqui um homem de cabelos brancos e venerando aspecto...Se o Doutor tivesse sessenta anos, eu com certeza estaria mais senhora de mim...

O Doutor: Infelizmente só tenho pouco mais da metade, e os meus cabelos estão pretos. Quanto ao aspecto venerando, pode ser perfeitamente substituído pela intenção honesta de por os meus serviços à disposição de V. Excia

A Senhora: Devo parecer-lhe ridícula...

O Doutor: Oh! Minha senhora! (vai buscar uma cadeira e senta-se)

A Senhora: Ó Dr. Não é culpado de ser tão moço, e...

O Doutor: E...?

A Senhora: é verdade que, quando me indicaram o seu nome e me fizeram notar a bonita reputação que tem adquirido, não me disseram que o Dr. Fosse sexagenário; fui eu que o imaginei assim, como se a velhice fosse um auxiliar imprescindível da ciência. Peço-lhe que me perdoe não ter sabido dominar a minha impressão.

O Doutor: Mas por amor de Deus, minha senhora! Estou lisonjeadíssimo!

A Senhora: Um dos meus defeitos é não saber dissimular; a minha fisionomia é um livro aberto.

O Doutor: Não é defeito: é uma qualidade. É casada?

A Senhora: Viúva.

O Doutor: Tão nova? Aos vinte anos... Vossa Excelência tem vinte anos?

A Senhora: Pouco mais ou menos.

O Doutor: Pouco menos?

A Senhora: Pouco mais.

O Doutor: Em que posso ser útil?

A Senhora: Quero que me cure.

O Doutor: (muito admirado) Cura-la!?

A senhora: Curar-me sim! De que se admira! Pareço-lhe sadia?

O Doutor: Certamente... com essas cores...

A Senhora: Pois saiba que estou bastante doente.

O Doutor: (á parte) Enganou-se de porta.

A Senhora: Sofro de palpitações (ele vai interrompe-la) Sim, Dr... de palpitações, insônias, pesadelos... Tudo isso provém, talvez da vida aborrecida que passo.(decidida com os olhos fechados) Vamos Doutor...ausculte-me!

**BRASIL S/A**

de: Antonio Ermírio de Moraes

Personagens:

Lucas

Tavares

(Lucas e Tavares se encontram no escritório da fábrica)

Tavares: Eu estou impressionado com as obras que vi, Sr. Lucas. O senhor é um homem de muita coragem.

Lucas: Muito obrigado.

Tavares: Já vi isso em pessoas de 30,40 e até 50 anos, mas um homem perto dos 70, começar uma nova carreira, do modo que o senhor está fazendo, é raro. Especialmente neste ramo que depende de muito conhecimento técnico e grandes volumes de capital.

Lucas: Verdade.

Tavares: (com um tom mordaz) O senhor é médico?

Lucas: Não.

Tavares: Farmacêutico?

Lucas: Não.

Tavares: Químico?

Lucas: Não.

Tavares: O senhor é formado em?...

Lucas: (evitando dizer que é autodidata e que nunca estudou em curso superior) Eu sou formado na Universidade da Vida, Dr. Tavares. Tenho uma confiança imensa neste País. E o senhor? Quantas empresas já tocou? Quantos empregos já gerou, Dr. Tavares? Quantas folhas de salário o senhor já pagou?

Tavares: Bem, Sr. Lucas. O meu ramo é outro. Eu sou um profissional da intermediação. Eu ajudo as pessoas saírem dos problemas em que se metem.

Lucas: Eu ando farto de intermediários, Dr. Tavares: banqueiros, políticos, . Esse tipo de gente que vive da desgraça alheia.

Tavares: Eu vim aqui para lhe ajudar. Se o senhor acha que estou me aproveitando, eu posso perfeitamente...

Lucas: Por favor. O Brasil está precisando de quem trabalhe. Temos de produzir mais. Exportar mais. Gerar mais empregos. É duro ver essa juventude sair das escolas querendo trabalhar e não tendo onde.

Tavares: O senhor tem razão, eu estive na Alemanha o mês passado numa região dos grandes complexos farmacêuticos do mundo e, só em pesquisa, o setor vai investir cerca de 10 bilhões de dólares no ano que vem. A propósito, quanto o senhor está investindo em pesquisa aqui?

Lucas: Aqui no Brasil, nós ainda estamos na fase da doença de Chagas, Dr. Tavares. Da lepra, da malária. Aqui as coisas vão bem mais devagar. Nós vivemos numa outra realidade.

Tavares: O Brasil não é para principiantes, e o ramo farmacêutico também não é. Já vi muito médico se dando mal nesse ramo. Imagine quem não é médico, então! Nem farmacêutico, nem químico e , ainda por cima tem de pagar juros de 20 a 35% ao não? No ramo das drogas, isso seria inviável. A não ser que a droga seja cocaína. (sorri)

Lucas: (relutando em confessar sua penúria) O senhor está me ofendendo. Essa fábrica foi reformada a custo de muito trabalho, muito sacrifício. Agora vem o senhor do exterior querer dar lições a quem trabalha dentro desta fábrica 20 horas por dia?

Tavares: O senhor me desculpe, eu não queria ofende-lo. Mas o senhor não investe nada em pesquisa. Continuará dependendo das matérias-primas importada. O senhor esta nas mãos das multinacionais e paga juros altíssimos. E internamente esta nas mãos dos banqueiros. Ou eu estou enganado?

Lucas: Se eu estou nessa situação é porque a minha empresa cresceu muito e chamou a atenção das multinacionais.

Tavares: Se o senhor tiver que reformular toda a sua empresa novamente, qual será sua situação daqui a cinco anos?

Lucas: Cinco anos...aqui no Brasil não se pensa em cinco anos, no máximo em cinco dias. E é esse prazo que eu tenho para arranjar dinheiro para pagar minhas contas, os impostos, os salários dos empregados. Cinco anos, Dr. Tavares...Nem sei se estarei vivo.

**DIA DE ESTRELA**

de: João Nunes

Personagens:

Verônica

Uéilton

(Verônica está esperando a pizza que acabou de pedir. Tocam a campainha, Verônica abre a porta entra Uéilton com a pizza)

Uéilton: Boa noite.

Verônica (meio sem fôlego) Oi...boa noite...é a pizza?

Uéilton: É... a senhora não pediu pizza?

Verônica: (parada na porta) Sim, mas não me chame de senhora, por favor, só tenho 35 anos...eu não sou dessas que esconde idade não, sabe. Não adianta, o senhor não acha?

Uéilton: Também não precisa me chamar de senhor, tenho 28 anos.

Verônica: Nem parece...eu imaginava uns 24, no máximo...voce ta bem conservado...imagino que deve ter um monte de mulheres correndo atrás do senhor, desculpa, de você.

Uéilton: Nem tanto, ando tão sozinho!

Verônica: Sozinho? (falando consigo mesma) Não! É tudo o que eu pedi a Deus. Um homem sozinho...

Uéilton: O que a senhora disse? Desculpa...voce disse?

Verônica: Não, nada...eu tava pensando alto.

Uéilton: Você não vai pegar a pizza?

Verônica: Claro, eu me esqueci (pega cheia de dengo com o rapaz) Ai meu Deus, onde ponho a pizza?

Uéilton: Que tal na mesa.

Verônica: é lógico, que boba eu, onde mais poderia ser (põe a pizza na mesa e não sabe o próximo passo, fica sem jeito) Sente-se um pouco, eu não sei onde puz a minha bolsa...o senhor, digo, você aceita cheque?

Uéilton: Bem, na verdade...cheque...

Verônica: quer um copo d'água...sei lá, alguma coisa?

Uéilton: Não obrigado.

Verônica: Você parece meio nervoso, ou é impressão minha?

Uéilton: Não, nada, quer dizer, eu to com pouco de pressa, to trabalhando, você sabe.

Verônica: Sim. Claro, mas aproveite a entrega pra dar uma descansadinha.Tenho cerveja na geladeira que sobrou de domingo, você quer?

Uéilton: Ah, bem, cerveja eu aceito...dá uma relaxada, né?

Verônica: (corre ate a geladeira e pega uma lata) Você ta dizendo relaxar do trabalho, que eu imagino, seja pesado!

Uéilton: é, mais ou menos, corre pra cá, corre pra lá...é complicado.

Verônica: Acho que vou tomar um pouco de cerveja também...ai, meu Deus, será que eu tomo?

Uéilton: Qual o problema?

Verônica: é que eu não bebo.

Uéilton: Um pouco de álcool faz a gente soltar o corpo e a lingua...a gente fala e faz coisas que nunca fez.

Verônica: Acho que vou tomar...só um copo (vai ate a geladeira pega uma lata e começa a beber)

Uéilton: Bem, como eu ia dizendo quando você perguntou, eu prefiria em espécie.

Verônica: Como?

Uéilton: Dinheiro

Verônica: Mas quando eu pedi a pizza, eles me disseram que aceitavam cheque, e eu só tenho um real na bolsa

Uéilton: Um real?

Verônica: Fim de mês, você já viu.

Uéilton: E não tem jóias em casa?

Verônica: Jóias, eu? Imagine! Só tenho umas bijuterias. Mas porque está perguntando se eu tenho jóias.

Uéilton: Porque eu não sou entregador de pizza coisa nenhuma. (tirando uma arma) e isso era para ser um assalto. Mas como estou vendo... entrei numa fria. (sai)

**O MILAGRE NA CELA**

de: Jorge Andrade  
Personagens:  
Irmã Joana  
Delegado Daniel

(Delegado Daniel interroga Irmã Joana na delegacia)

Delegado: Seu nome?

Irmã: Irmã Joana de Jesus Crucificado.

Delegado: Profissão?

Irmã: Professora e freira.

Delegado: Idade?

Irmã: Trinta e cinco anos.

Delegado: Finalmente a ilustre educadora está em minhas mãos. Vou provar agora o que ninguém conseguiu: que é uma subversiva.

Irmã: Não vai conseguir.

Delegado: (irônico) Não? (insinua) Tenho meios especiais para isso

Irmã: Não vai conseguir, porque não vou admitir o que eu nunca fiz (serena) Só admitirei a verdade.

Delegado: Pois é a verdade mesmo que queremos. Sem força e sem tortura ninguém fala nada. Sabe o que é tortura?

Irmã: Sei. Li muito sobre a inquisição e a vida dos Santos martirizados.

Delegado: (ri) Vida dos Santos. Vou provar que você não é freira coisa nenhuma, como já provei que pelo menos uns dois não eram padres. Não vai ser tão difícil.

Irmã: Posso saber pelo menos qual o motivo da minha prisão?

Delegado: Desta vez ninguém vai escapar porque começamos a operação rapa igreja. Vamos levantar muita saia de freira e de padre.

Irmã: Mas o que foi que eu fiz?

Delegado: aqui quem pergunta é a autoridade. Ao preso cabe apenas responder e responder a verdade admitindo a culpa.

Irmã: Reviraram o meu escritório e nada encontraram. O que querem mais?

Delegado: Aquele escritório não passa de um “aparelho”, para ser usado para enviar ao estrangeiro documentos contra o nosso governo. Documentos mentirosos que nos acusam de não respeitar os direitos humanos.

Irmã: (serena) E vocês estão respeitando, prendendo-me sem nenhuma acusação?

Delegado: De subversiva. Acha pouco?

Irmã: Não tem nenhuma prova.

Delegado: Isto é a coisa mais fácil de arrumar.

Irmã: (firme) Garanto que não é.

Delegado: Veremos! Gosto dos que resistem...porque me dão mais prazer quando começam a rastejar. E vai pensando em tudo o que pode acontecer. E tenha bastante criatividade...porque aqui tudo está além da imaginação. Agora saia daqui.

**A ESCADA**

de: Jorge Andrade

Personagens:

Helena

Maria Clara

(Maria Clara entrando no apartamento de Helena)

Maria Clara : Bom dia Helena.

Helena: Bom dia Maria Clara.

Maria Clara: Onde está o papai?

Helena: Ainda no quarto.

Maria Clara: Ele saiu de casa muitas vezes?

Helena: Deve ter saído. Papai foge!

Maria Clara: Tome.

Helena: Que é isto?

Maria Clara: despesas de papai na banca de frutas. A responsável é você.

Helena: Por que?

Maria Clara: Porque são despesas deste mês. E por favor...vá pagar hoje, sem falta. O dono da banca veio me cobrar. Disse que papai passava lá todos os dias, queixando-se de passar fome. O que quer dizer: não parou em casa.

Helena: O que quer que eu faça?

Maria Clara: Devia ter impedido.

Helena: Impedi quanto pude. Não posso ficar um mês trancada dentro desse apartamento, só porque papai não deve sair à rua.

Maria Clara: Não foi o que combinamos?

Helena: E que importância tem em ir conversas na banca de frutas? Também não vamos fazer de papai um prisioneiro.

Maria Clara: Pois bem! O que quero saber, mesmo, é se estão dipostos ou não a tomar conta de papai.

Helena: Cada um tem feito o que pode.

Maria Clara: Pois você tem feito muito pouco.

Helena: Não sei porque!

Maria Clara: Porque vice melhor que os outros, está em melhor situação, não tem filhos para se preocupar, vive nos cinemas e ainda acha que faz muito por papai?

Helena: Não tenho filhos, mas tenho um marido...

Maria Clara: É isso mesmo. Um marido que só vive pensando em internar o papai, que reclama até do jornal que o papai lê. Isto é fazer o que pode?

Helena: Todos pensam em internar o papai.

Maria Clara: Por que não olha o papai, em vez de ficar abraçada a esse cachorro. Você tem mais obrigação que os outros, já que tem uma vida inútil.

Helena: Inútil, mas é minha. Cada um sabe de si. Não tenho filhos, mas sei o que isso me custou. Só possuo este marido, que me deixa só o dia inteiro, que reclama de tudo! Mas, o que é que você quer? Que o abandone para viver com o papai? E depois? O que será da minha vida? Pensa que é muito bom viver sozinha neste apartamento? Preferia que eles vivessem aqui. Mas meu marido não suporta a conversa de papai...e papai é tão imprudente. Não dá folga. Cada vez que vem pra cá...minha vida se torna um inferno!

Maria Clara: Desculpe, Helena! Eu...

Helena: Só vivo cuidando de camisas, correndo atrás de um marido que...Arrastando-me de cinema para cinema, de bar em bar...como se eu fosse uma qualquer. Pensa que desejo isto? Prefiro ir ao cinema do que ouvir discussões intermináveis. Sérgio diz “a”, papai “b”. Discutem por qualquer coisa.

Maria Clara: Também Sergio devia compreender.

Helena: Compreende, mas cansa. Nós desculpamos, os outros não. Você quer que eu deixe papai fazer da minha vida, o que permitiu que ele fizesse da vida da sua filha? Papai atormentou tanto a coitada, só porque ela ficou noiva de um italiano. E você permitiu!

Maria Clara: Helena!

Helena: Eu estou mentindo?

Maria Clara: Eu não permiti...(sai)

## O SANTO INQUÉRITO

de: Dias Gomes

Personagens:

Padre

Branca

(Após a confissão o Padre e Branca conversam)

Padre: O Diabo não se cansa nunca. E não devemos correr dele, devemos enfrenta-lo e obriga-lo a fugir de nós. Para o cristão, Branca, toda prova, toda tentação é um meio de santificação e a vida na terra só vale como preço para ganhar o céu.

Branca: Mas eu não quero ser santa. Minhas pretensões são bem mais modestas. Não é pela ambição que o capeta há de me pegar. Quero viver uma vida comum, como a de todas as mulheres. Casar com o homem que amo e dar a ele todos os filhos que puder.

Padre: (ao como acusação, como notação apenas) Durante a sua confissão, você pronunciou sete vezes o nome desse homem.

Branca: (surpresa) O senhor contou?

Padre: Conte.

Branca: Bem...eu o amo.

Padre: Enquanto que o nome de Deus você pronunciou apenas três vezes.

Branca: Isso tem importância?

Padre: Não, não tem importância.

Branca: Não se deve invocar o nome de Deus em vão.

Padre: Claro. São apenas números. Mas nem tudo são números em sua confissão. Os tormentos da carne, por exemplo.

Branca: Eu não falei em tormentos da carne.

Padre: Mas confessou que certa noite rolava na cama sem poder dormir...

Branca: Por causa do calor. Meu corpo queimava.

Padre: E não podendo mais, levantou-se e foi mergulhar o corpo no rio, para acalma-lo. Tirou a roupa e banhou-se nua.

Branca: Era noite de lua nova. Nenhum perigo havia de ser vista. Nem mesmo podia haver alguém acordado àquela hora.

Padre: Agora responda, Branca, lembrando-se de que está ainda diante de seu confessor: que sentiu ao mergulhar o corpo no rio?

Branca: O que senti? Bem, senti-me bem melhor, refrescada.

Padre: Sentiu prazer?

Branca (hesita um instante) Sim, senti prazer.

Padre: E depois, quando voltou para o leito?

Branca: Pude, enfim, dormir.

Padre: Algum pensamento pecaminoso lhe atravessou a mente nessa noite?

Branca: Eu...não me lembro.

Padre: Não pensou em seu noivo nessa noite?

Branca: É possível. Eu penso nele todas as noites, todos os dias. Tudo que me acontece de bom, eu penso em compartilhar com ele, tudo o que me acontece de mau, eu acho que não seria tão mau se ele estivesse a meu lado.

Padre: E ele nunca a viu tomar banho no rio? Responda.

Branca: Uma vez...sem. (adivinhandando os pensamentos do Padre, reage prontamente) Mas não foi naquela noite! Juro por Deus, não foi!

Padre: (cerra os olhos, como se procurasse fugir a todas aquelas visões e mergulha em si mesmo) Branca...pode ir. Eu preciso ficar só...preciso fazer minhas orações.

(Branca sai)

Padre: (murmura) Senhor. Ajudai-me. Dai-me força, Senhor. Dai-me força e defendei-me dessa tentação. Amém!

**A MORATÓRIA**

de: Jorge Andrade

Personagens:

Joaquim

Lucília

(Lucília esta na sala costurando, Joaquim está na cozinha )

Joaquim: (entrando na sala) Lucília!

Lucília: (sem parar de costurar) Senhor.

Joaquim: Venha tomar café.

Lucília: Agora não posso.

Joaquim: O café esfria.

Lucília: Meu serviço está atrasado.

Joaquim: Ora, minha filha, cada coisa em sua hora.

Lucília: Para quem tem muito tempo.

Joaquim: Não precisa se matar assim. Tudo tem limite.

Lucília: Sou obrigada a trabalhar como uma... (contém-se)

Joaquim: Você já amanheceu irritada!

Lucília: Descule , papai.

Joaquim: Venha.

Lucília: (acalmando-se) O senhor pode trazer para mim?

(Joaquim entra na cozinha e logo aparece com uma xícara de leite)

Joaquim: Olhe aqui, beba.

Lucília: Não suporto este leite.

Joaquim: Não comece, Lucília.

Lucília: (pausa) Foi ao médico?

Joaquim: Fui. Só para fazer a sua vontade.

Lucília: Que disse ele?

Joaquim: Nada. Que poderia dizer?

Lucília: O senhor anda se queixando do braço.

Joaquim: Deve ser de rachar lenha.

Lucília: Não deu nenhum remédio?

Joaquim: tenho saúde de ferro. Pensa que sou igual a nesses mocinhos de hoje?

Lucília: Estou perguntando, papai, se não recitou algum remédio.

Joaquim: Se tivesse receitado, eu tria dito.

Lucília: O senhor acha que comprar remédio é jogar dinheiro fora.

Joaquim: E é mesmo.

Lucília: Tenho dinheiro. Se o senhor precisar, é só falar.

Joaquim: (impaciente) Já disse que não receitou.

Lucília: Melhor, então.

Joaquim: O médico disse que ainda tenho cem anos de vida.

Lucília: Não gosto de gente exagerada.

Joaquim: Esta muito certo. Nunca senti nada.

Lucília: (voltando a costurar) Hoje tudo está atrasado.

Joaquim: Não se afobe, minha filha.

Lucília: E que faço do meu serviço?

Joaquim: Que importância tem? Você não é obrigada a costurar. Até prefiro que...

Lucília: (corta) Ora papai! (pausa, Lucília olha para Joaquim e disfarça) Tia Elvira vem experimentar o vestido e ainda tenho que acabar o da Mafalda.

Joaquim: É um despropósito fazer um vestido para cada festa.

Lucília: Assim gasta um pouco do dinheiro eu tem.

Joaquim: Não é a festa do Coronel Bernardino?

Lucília: É.

Joaquim: Você não vai?

Lucília: Não

Joaquim: Por que não? Não fomos convidado?.

Lucília: (disfarçando) Não e isso...

Joaquim: (pausa) Sei o que sente. Eu também me sinto assim. Mas eu te prometo minha filha, que chegará o dia em que voltaremos a ser convidado para todas as festas novamente. Eu vou recuperar a fazenda . E darei a você tudo o que deseje.

**A BULA**

De: Luís Fernando Veríssimo

Personagens:

Maria Helena

Horácio

Maria Helena: Vai, Horácio. Toma logo.!!!

Horacio: Eu não tomo nada sem antes ler a bula. Cadê meus óculos?

Maria Helena: Pendurados no seu pescoço.

Horacio: Isso é ridículo, Maria Helena. Ridículo.

Maria Helena: Então todos os homens da sua idade são ridículos. Porque todos estão tomando.

Horacio: A humanidade conseguiu crescer e se multiplicar durante milênios sem isso. Nós dois crescemos e nos multiplicamos sem isso. Taí o Pedro Paulo, taí o Zé Augusto que não me deixam mentir. Fora aquele aborto que você fez.

Maria Helena: Horácio, eu não vou discutir isso com você agora. Toma logo esse negócio !!!

Horacio: Isso aqui faz mal pro coração, sabia? Um monte de gente já morreu tentando dar uma trepadinha farmacêutica.

Maria Helena: Foi por uma boa causa. E não faz mal coisa nenhuma. Só pra quem é cardíaco e toma remédio.  
- Você não é cardíaco. Nem coração você tem mais.

Horacio: Não começa, Maria Helena, não começa. . .

Maria Helena: Pode ficar sossegado que você não vai morrer do coração por causa dessa pilulinha. Eu vi num programa do GNT um velhinho de 92 anos que toma isso todo dia.

Horacio: Sério?

Maria Helena: Preciso de sexo, Horácio.

Horacio: O sexo é uma ditadura, Maria Helena. A gente tá na idade de se livrar dela.

Maria Helena: Saudades da dita dura. Olha só, você me fez fazer um trocadilho de merda.

Horacio: Além do mais, Maria Helena, nós já tivemos um número mais do que suficiente de relações sexuais na vida. Sossega o facho, mulher. Vai fazer ioga, tai chi chuan. Já ouviu falar em feng shui, bonsai, shiatsu?

Maria Helena: Sabe o que mais que deu naquele programa sobre sexo, Horácio? Deu que as mulheres com vida sexual ativa têm muito menos chance de ter câncer. É científico.

Horacio: Come brócolis que é a mesma coisa, Maria Helena. Protege contra tudo que é câncer. Também é científico, sabia? E puxado no azeite, com alho, fica uma delícia.

Maria Helena: A que ponto chegamos, Horácio. Eu falando de sexo e você me vem com brócolis puxado no azeite e alho! Faça-me o favor, Horácio!

Horacio: Maria Helena, escuta aqui, você já tem 50 anos, minha filha, dois filhos adultos, já tirou um ovário, já...

Maria Helena: Não fiz 50 ainda. Não vem não. E o que é que filho e ovário têm a ver com sexo?

Horacio: Maria Helena, me escuta. Depois de uma certa idade as mulheres não precisam mais de sexo.

Maria Helena: Ah, não? Quem decidiu isso?

Horacio: Sexo nessa idade é pras imaturas. Pras deslumbradas, pras iludidas que não sabem envelhecer com dignidade.

Maria Helena: Prefiro envelhecer com orgasmos.

Horacio: Maria Helena! Faça-me o favor. Eu tenho que ouvir isso na minha própria casa, na minha própria cama? Dá um tempo, tá? Tenho mais o que fazer.

Maria Helena: Fazer? Essa é boa. O que é que um funcionário público aposentado com salário integral tem pra fazer na vida, posso saber?

Horacio: Sem comentários, Maria Helena, sem comentários.

Maria Helena: Tá bom, sem comentários. Bota os óculos e lê duma vez essa bendita bula.

Horacio: O princípio ativo do medicamento é o citrato de sildenafil.

Maria Helena: Sei. Que mais?

Horacio: Veículos excipientes: celulose microcristalina... Celulose vem da madeira.

Maria Helena: Pau, portanto. Bom sinal.

Horacio: Onde foi parar a sua pouca educação, Maria Helena?

Maria Helena: Vai lendo, Horácio. Depois conversamos sobre a minha pouca educação.

Horacio: Dióxido de titânio.

Maria Helena: Ah, titânio. Pro negócio ficar bem duro.

Horacio: Índigo carmim...

Maria Helena: Índigo? Deve ser o que dá o azul da pilulinha.

Horacio: Será que esse negócio não vai deixar o meu ... azul, Maria Helena?

Maria Helena: E daí, se deixar? Você não sai por aí exibindo o seu pênis, que eu saiba. Ou sai?

Horacio: Mas, e se eu for a um mictório público? - O que é que o cara ao lado não vai pensar do meu pinto azul?

Maria Helena: Diz que você é um nobre, de sangue e penis azul. Ou não diz nada, ora bolas. Acaba de mijar, guarda e vai embora, pô!

Horacio: Vamos ver os efeitos colaterais.... Olha lá: dor de cabeça. Você sabe muito bem que se tem uma coisa que eu não suporto na vida é dor de cabeça.

Maria Helena: Deixa de ser criança, Horácio. Se der dor de cabeça você toma um Tylenol, reza uma ave-maria, canta o "Hava Naguila"; que passa.

Horacio: Outro efeito colateral: - Enjôos. Óh céus. Enjôos...

Maria Helena: Você sempre foi um tipo enjoado, Horácio. Ninguém vai notar a diferença.

Horacio: Como você é simplória, Maria Helena, como você é... menor.

Maria Helena: Vai, Horácio, chega de conversa mole. E de penis idem. Pula os efeitos colaterais.

Horacio: Como, "pula os efeitos colaterais"? É porque não é você quem vai tomar essa meleca, né? Vou ler até o fim. Os efeitos colaterais são a parte mais importante. Olha lá: visão turva.

Maria Helena: Você bota os seus óculos de leitura. E que tanto você quer ver que já não viu?

Horacio: Maria Helena, você não entendeu? Essa droga perturba seriamente a visão. Vou ficar cego por sei lá quantas horas, quantos dias?E se a minha visão não voltar?

Maria Helena: Olha, pensa no lado bom da cegueira: você vai poder me imaginar 20 anos mais moça. Trinta, se quiser.

Horacio: Desisto. Não vou tomar essa porcaria e tá acabado.

Maria Helena: Dá aqui essa cartela, Horácio. Abre a boca. Pronto. Engole. - Olha a água aqui. Isso. Que foi? Engasgou, amor?! Tosse pra lá,ô! Me borrifou toda! Que nojo! - Quer que bata nas suas costas? Aí, meu Deus! Horácio? Você está bem? Respira fundo! Isso, isso... E aí, amor? Melhorou?

Horacio: Ufff! Me dá mais água

Maria Helena: Quanto tempo isso aí demora pra fazer efeito?

Horacio: Isso aí o quê?

Maria Helena: A pílula, Horácio, a pílula.

Horacio: E eu sei lá?

Maria Helena: Vê na bula, Horácio.

Horacio: Hum... tá aqui: 30 minutos.

Maria Helena: Ótimo. Dá tempo de ver o fim da minha novela.

**A VISITA DA VELHA SENHORA**

De: Friedrich Durrenmatt

Personagens:

Schill

Claire Zahanassian

(Schill e Claire estão fumando)

Schill: Que aroma!

Claire Zahanassian: Quantas vezes estivemos fumando juntos nesta floresta, você ainda se lembra? Cigarros que você comprava na loja da Matilde. Ou que roubava.

Schill: você teve...quero dizer, nós tivemos um filho.

Claire Zahanassian:Tivemos.

Schill: Era varão ou menina?

Claire Zahanassian: Menina.

Schill: E que nome foi lhe que você lhe pôs?

Claire Zahanassian: Geneviève.

Schill: Bonito nome.

Claire Zahanassian: Eu a vi somente uma vez. Quando nasceu. Depois, a tiraram de mim. A assistência Cristã.

Schill: Que cor tinha seus olhos?

Claire Zahanassian: Ainda não estavam abertos.

Schill: E os cabelos?

Claire Zahanassian: Pretos, penso eu; mas isso é freqüente, nos recém-nascidos.

Schill: É sim. (silêncio. Fumam) Onde foi que ela morreu?

Claire Zahanassian: Na casa de umas pessoas, esqueci como se chamam.

Schill: De que?

Claire Zahanassian:Meningite. Também de outra moléstia, parece. Recebi o aviso das autoridades.

Schill: Em casos de morte, pode-se confiar nelas.

(silêncio)

Claire Zahanassian:Eu lhe falei da nossa filha. Agora, você fale de mim.

Schill: De você?

Claire Zahanassian:Sim, de como eu era, quando tinha dezessete anos, quando você me amava.

Schill: Certa vez, tive de procurar você durante um tempo enorme no palheiro de Peter e acabei descobrindo-a, com apenas a camisa em cima do corpo e uma palha no canto da boca.

Claire Zahanassian: Você era forte e corajoso. Brigou com o ferroviário que me seguiu na rua. Eu enxuguei o sangue do seu rosto com a minha anágua vermelha.

Schill: Eu lhe agradeço pelas coroas, os crisântemos e as rosas. Fazem um bonito efeito em cima do caixão, no Apóstolo de Ouro. Distinto. Já há duas salas cheias delas. Chegamos aonde se queria chegar. Estamos sentados, pela última vez, na nossa velha floresta. Hoje à noite, realiza-se uma assembleia do município. Eu sei condenado à morte e um deles me matará. Não sei quem, será nem onde irá fazê-lo, sei somente que cheguei ao fim de uma existência absurda.

Claire Zahanassian: Levarei você, no seu caixão, para Capri. Mandei erguer um mausoléu no parque do meu palazzo. Rodeado de ciprestes. Com vista para o Mediterrâneo.

Schill: Conheço só de fotografias.

Claire Zahanassian: Azul profundo. Um panorama deslumbrante. É lá que você irá ficar. Um morto junto de um ídolo de pedra. Seu amor morreu há muitos anos. O meu amor não podia morrer. Mas, tampouco, viver. Tornou-se qualquer coisa má, como eu mesma, como os cogumelos venenosos e as raies em forma de rostos cegos desta floresta; uma coisa má, oculta pela luxuriante e dourada vegetação dos meus bilhões. Foram eles que estenderam seus tentáculos para você, à procura da sua vida. Porque ela me pertence. Pela eternidade. Agora, você ficou preso nas suas malhas, está perdido. Cedo, não restará de você senão a minha recordação de um amante morto, um meigo fantasma numa casa em ruínas. Adeus Alfredo.

Schill: Adeus, Clara.

**VOLTA AO LAR**

De: Harold Pinter

Personagens:

Teddy

Lenny

(Lenny entra na sala e se depara com Teddy os dois se sentem constrangidos)

Teddy: Olá Lenny.

Lenny: Olá, Teddy. (pausa)

Teddy: Não ouvi você descendo a escada.

Lenny: Eu não desci. (pausa) Durmo aqui embaixo agora. Naquela porta. Arrumei ali uma espécie de estúdio; cantinho de trabalho e quarto de dormir. Naquela porta ali, sabe!

Teddy: Oh! Quer dizer então...que eu acordei você?

Lenny: Não. Fui dormir cedo, hoje, mas não consegui dormir. Sabe como é. Fiquei andando.(pausa)

Teddy: Não está se sentindo bem?

Lenny: Não, só com o sono um pouco agitado. Pelo menos hoje.

Teddy: Teve pesadelos?

Lenny: Uma coisa parecida. Mas acho que nem estava bem dormindo. Tem alguma coisa que me mantém acordado. Uma espécie de tique.

Teddy: Tique?

Lenny: É.

Teddy: Que tique?

Lenny: Não sei. (pausa)

Teddy: Você tem algum despertador no quarto?

Lenny: Tenho.

Teddy: Então deve ser o relógio.

Lenny: é, pode ser (pausa) Bem, se for o relógio, é fácil. Posso abafar com alguma coisa. (pausa)

Teddy: Eu resolvi voltar, ficar uns dias.

Lenny: Ah, é? Resolveu? (pausa)

Teddy: Como é que está o velho?

Lenny: Vendendo saúde. (pausa)

Teddy: Eu também vou me conservando bem.

Lenny: Vai, né? (pausa) Você vai ficar aqui, hoje?

Teddy: Vou.

Lenny: Bem, teu quarto ainda está lá. Pode dormir nele.

Teddy: eu vi. Já dei uma subida.

Lenny: Pois é, pode dormir lá. Ah, bem...

Teddy: Bem... então vou indo pra cama.

Lenny: Vai?

Teddy: Vou. Preciso dormir um pouco.

Lenny: é, eu também vou pra cama. (Teddy vai pegar as malas) Eu te dou uma ajuda.

Teddy: Não precisa. Não estão pesadas. (pega as malas) Boa noite (sai)

Lenny: Boa noite, meu irmão. Seja bem vindo ao lar.

**ARLEQUIM SERVIDOR DE DOIS AMOS**

De: Carlo Goldoni

Personagens:

Silvio

Clarisse

Clarisse: Estás ferido, meu amor?

Silvio: Ah! Pérfida! Mentirosa! “Meu amor”! “Meu amor”! Quem? Eu? Noivo enganado, ridicularizado?...

Clarisse: Silvio, eu não mereço essas palavras. Eu te amo, te adoro, nunca te enganei. Sempre fui fiel.

Silvio: Ah, mentirosa! Fiel?... Chamas de fidelidade prometer casar com outro?

Clarisse: Nunca fiz uma coisa dessas nem nunca farei. Antes morrer que abandonar-te.

Sílvio: Mas te comprometeste com um juramento.

Clarisse: Juramento que não me obriga a casar com ele.

Silvio: Então que prometeste?

Clarisse: Silvio, querido! Perdoa-me, mas não posso revelar...

Silvio: Por que?

Clarisse: Por que não é permitido falar.

Silvio: Então és culpada?

Clarisse: Não! Juro que sou inocente.

Silvio: Os inocentes falam.

Clarisse: Neste caso, se eu falasse seria culpada.

Silvio: A quem prometeste silêncio?

Clarisse: A Frederico.

Silvio: E continuarás mantendo silêncio com todo esse zelo?

Clarisse: Sim, para não me tornar perjura.

Silvio: E dizer que me ama! Não acredito, mentirosa! Nunca mais quero te ver. Some da minha vista!

Clarisse: Mas, Silvio, se eu não te amasse, não teria vindo aqui para te salvar!

Sílvio: Odeio a vida, se a devo a uma ingrata como tu.

Clarisse: Eu te amo com todo o meu coração.

Silvio: E eu te odeio com toda a minha alma.

Clarisse: Se não acreditares no meu amor, me matarei!

Silvio: Para mim seria mais agradável ver o teu sangue do que a tua infidelidade!

Clarisse: Vou te satisfazer. (apanha a espada do chão)

Silvio: Sim! Essa espada poderá vingar os agravos!

Clarisse: Tão cruel assim com a tua Clarisse?

Silvio: Foste tu quem me ensinou a crueldade.

Clarisse: Gostaria de me ver morta?

Silvio: Já não sei mais do que gosto.

Clarisse: Vou satisfazer o teu desejo. (aponta a espada para o peito)

## O ARQUITETO E O IMPERADOR DA ASSÍRIA

De: Fernando Arrabal

Personagens:

Imperador

Arquiteto

(Dois anos sozinhos em uma ilha, o imperador ensina o arquiteto)

Imperador: Mas é tão fácil. Vá, repita.

Arquiteto: (tem uma certa dificuldade para pronunciar) Ascensorista.

Imperador: (com ênfase) Há dois anos que vivo nessa ilha, há dois anos que lhe dou aulas e você ainda hesita! Seria preciso que o próprio Aristóteles ressuscitasse para lhe ensinar que 2 e 2 são 4.

Arquiteto: Já sei falar, não é?

Imperador: Bom...Pelo menos, se alguém cair um dia aqui, nessa ilha perdida, você poderá dizer Ave Caesar.

Arquiteto: Mas hoje você tem que me ensinar...

Imperador: Agora escute a minha musa cantar a cólera de Aquiles. Meu trono!  
(o imperador se senta. O Arquiteto se inclina diante dele, numa reverência)

Imperador: Ah! Muito bem. Não se esqueça que sou o imperador da Assíria.

Arquiteto: A Assíria é limitada ao norte pelo mar Cáspio, ao sul pelo oceano Índico...

Imperador: Chega.

Arquiteto: Agora me ensine o que você prometeu...

Imperador: Calma, calma! Ah. (sonhador)Ah! A civilização, a civilização!

Arquiteto: (muito contente) Fale, fale.

Imperador: Cale-se. O que você pode saber, você que viveu sempre enfiado nessa ilha que nem existe nos mapas e que Deus cagou no oceano, por desprezo?

Arquiteto: Conte, conte.

Imperador: De joelhos! (o arquiteto se ajoelha) Está bem, levante-se, não é preciso. (o arquiteto se levanta. Com muita ênfase) Eu explico.

Arquiteto: Ah, explique, explique!

Imperador: Cale-se (de novo com ênfase) Eu explico: minha vida. (o imperador se levanta com grandes gestos) Levantava-me ao primeiro clarão da aurora, todas as igrejas, todas as sinagogas, todos os templos soavam suas trombetas. O dia começava a despontar. Meu pai vinha me acordar seguindo de um regimento de violinistas. Ah! A música. Que maravilha! Ah! A Filosofia! Um dia eu lhe explico o que é.

Arquiteto: Majestade, como é que explicavam a filosofia?

Imperador: Não entremos em detalhes. E minha noiva...e minha mãe.

Arquiteto: Mamãe, mamãe, mamãe.

Imperador: (assustado) Onde foi que você ouviu essa palavra?

Arquiteto: Foi você que me ensinou.

Imperador: Quando?Onde?

Arquiteto: Noutro dia.

Imperador: Que foi que eu disse?

Arquiteto: Você disse que sua mãe o punha no colo, o ninava, o beijava na testa e ...(o imperador revê a cena evocada, ele se encolhe como se uma pessoa invisível o ninasse, o beijasse) E voce disse que às vezes ela lhe batia com um chicote e segurava a sua mão quando passeavam pelas ruas e que...

Imperador: Pare! Pare! O fogo está aceso?

Arquiteto: Está.

Imperador: Tem certeza que fica aceso dia e noite?

Arquiteto: Tenho, olhe a fumaça.

Imperador: Está bem, tanto faz.

Arquiteto: Como tanto faz? Você me disse que, um dia, um navio ou um avião ia nos ver e vinha buscar a gente . Aí nós íamos para o seu país, onde há automóveis, discos, televisão, mulheres, travessas de confetes, quilômetros de pensamentos, quintas-feiras...

Imperador: Eu menti para você. Nós nunca sairemos daqui.

## É

De: Millor Fernandes

Personagens:

Vera

Sara

(Vera e Sara estão sentadas em grandes poltronas. Conversam. Vera levanta, vem até um móvel, à direita serve um copo de água, com ele na mão vem, até o proscênio, olha o público no olho e diz, com suspiro, como quem aceita tudo sem poder explicar)

Vera: É...(volta a sentar, diz sem transição...) de vez em quando eu me pergunto o que é que eu tenho com isso. Não que esteja contra. Mas feminismo é pra mulheres muito especiais, eu acho.

Sara: (afirmando) Você também acha que o destino da mulher é biológico.

Vera: O meu pelo menos. Não tenho de que me queixar. Menstruações corretas durante toda a vida, desejo monogâmicos toda a vida, três gravidez, dois partos serenos, sem dor – quase sem dor. Sou contra cesariana. Meu destino é biológico. Que posição posso tomar com um par de seios senão uma posição decididamente feminina? As amazonas, para poderem atirar melhor de arco e enfrentar os homens, cortavam um seio.

Sara: Você está chamando as feministas de sapatão. Que minha irmã não te ouça.

Vera: Longe de mim. Mas feminismo é em inglês. Na tradução não dá certo.

Sara: Não em nossa classe. Os jornais estão ai mesmo, a televisão, os livros. As conversas, as viagens, as mais jovens fazendo pressão...

Vera: Que idade você tem mesmo? Responde como se eu não sobesse.

Sara: Vinte e oito.

Vera: Põe mais metade nisso e você verá toda uma diferença . Não é comigo! Que libertação eu quero? Toda minha vida fui cercada de homens e me dei muito bem. Minha mãe morreu moça. Fiquei só com meu pai e dois irmãos. Aos vinte anos meu pai me passou pro meu marido. Tive dois filhos homens. Meu pai me deu proteção e sustento. Meu marido sustento e fidelidade. Os dois filhos me dão carinho e me prestam obediência. Estou agora no primeiro neto.

Sara: Você vê. Eu aos vinte e oito anos, ainda estou me decidindo se vou se mãe ou não.

Vera: Casando ou sem casar!

Sara: Casando ou sem casar, importa?

Vera: Ter um filho sozinha, não é mais difícil?

Sara: Teu marido te ajudou a ter o filho?

Vera: Me deu dinheiro, médicos, babá.

Sara: Eu só terei filho casada se a afinidade for total: O filho será nosso – meu e dele - responsabilidade dividida. Prazer dividido. Senão, pra que casar?

Vera: Mesmo ele pensando totalmente igual, você não vê a possibilidade dele ter mais responsabilidade e você mais carinho ou vice-versa? E se você for mãe solteira, onde vai deixar seu filho, em nosso mundo sem creches?

Sara: Não sei. É um problema posterior. Os filhos crescem. Os filhos sempre cresceram. Meu problema é ter ou não ter – se não tiver talvez me arrependa, se tiver estarei presa a ele a vida inteira. Se resolver ter talvez não seja importante pra mim saber quem é o pai mas não sei se posso negar ao filho a identidade desse pai. Mas, como diz minha irmã Ludmila, que não tem os meus problemas, identificar o pai de nosso filho obriga a um longo período de fidelidade a um homem. Lamentável.

Vera: As mulheres de minha geração não tinham tanto problema. Arranjavam um marido e resto estava resolvido.

Sara: Estamos num período de transição, eis tudo.

Vera: Transição que os homens não tem. Eles sempre saberão quem é a mãe de seus filhos.

Sara: Mas nunca terão a certeza de que são pais. Tudo dá na mesma.

## REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL

De: Augusto Boal

Personagens:

José

Mulher

José da Silva e a Mulher vão votar, eles cumprem o dever sagrado.

José: Agora eu vou votar.

Mulher: Eu também.

José: Em quem você vai votar?

Mulher: Nos dois. Prometi aos dois.

José: Mas quem foi que te deu dinheiro?

Mulher: Os dois me deram dinheiro. E a você?

José: A mim também.

Mulher: Vota em quem deu mais.

José: Como é que eu vou saber quem foi que deu mais?

Mulher: E agora?

José: Precisamos votar conscientemente no programa político, na plataforma, nas idéias. Esse é o voto consciente do bom cidadão.

Mulher: Bom, teve um que prometeu escolas, hospitais, transporte e comida.

José: E o outro prometeu comida, transporte, hospitais e escola. Quem é o melhor?

Mulher: Vamos votar nesse.

José: Qual? O que prometeu escolas, hospitais, transporte e comida?

Mulher: Não: no que prometeu comida, transporte, hospitais e escola.

José: Já sei: Você vota num e eu voto no outro. Assim a gente não pode errar. Alguém da família tem que acertar nessas eleições.

Mulher: (indecisa diante da urna) José.

José: Que foi?

Mulher: Você lembra da última vez ? Nós dissemos a mesma coisa.

José: É. Me lembro.

Mulher: Então não vamos votar não.

José: O bom cidadão vota no programa. O bom candidato que o cumpra.(entregando um santinho) Toma. Esse é o seu candidato, este é o meu.

(Macambúzios, deixam cair as cédulas na urna. Põe a mão no Peito) Cumprimos o nosso dever de cidadão. Cumprimos o dever sagrado do voto.

Mulher: Amém (ajoelham-se)

José: E Deus que nos perdoe.

Mulher: Nós pecamos juntos. (levanta-se assustadíssima) Corre. Corre.

José: Corre por que?

Mulher: O nosso filho mais velho vem ai.

José: Que é que tem?

Mulher: Ele também vota.

José: E daí?

Mulher: Vai nos perguntar em quem ele deve votar.

José: (apavorado) Então: Corre, corre (saem correndo de cena)

## O RELACIONAMENTO

De: autor desconhecido

Personagens:

Homem

Mulher

Mulher - Onde você vai?  
 Homem - Vou sair um pouco.  
 Mulher - Vai de carro?  
 Homem - Sim.  
 Mulher - Tem gasolina?  
 Homem - Sim.... coloquei.  
 Mulher - Vai demorar?  
 Homem - Não... coisa de uma hora.  
 Mulher - Vai a algum lugar específico?  
 Homem - Não... só rodar por aí.  
 Mulher - Não prefere ir a pé?  
 Homem - Não... vou de carro.  
 Mulher - Traz um sorvete pra mim!  
 Homem - Trago... que sabor?  
 Mulher - Manga.  
 Homem - Ok... na volta eu passo e compro.  
 Mulher - Na volta?  
 Homem - Sim... senão derrete.  
 Mulher - Passa lá, compra e deixa aqui..  
 Homem - Não... melhor não! Na volta... é rápido!  
 Mulher - Ahhhhh!  
 Homem - Quando eu voltar eu tomo com você!  
 Mulher - Mas você não gosta de manga!  
 Homem - Eu compro outro... de outro sabor.  
 Mulher - Aí fica caro... traz de cupuaçu!  
 Homem - Eu não gosto também.  
 Mulher - Traz de chocolate... nós dois gostamos.  
 Homem - Ok! Beijo... volto logo....  
 Mulher - Ei!  
 Homem - O que?  
 Mulher - Chocolate não... Flocos...  
 Homem - Não gosto de flocos!  
 Mulher - Então traz de manga prá mim e o que quiser prá você.  
 Homem - Foi o que sugeri desde o começo!  
 Mulher - Você está sendo irônico?  
 Homem - Não tô não! Vou indo.  
 Mulher - Vem aqui me dar um beijo de despedida!  
 Homem - Querida! Eu volto logo... depois.  
 Mulher - Depois não... quero agora!  
 Homem - Tá bom! (Beijo.)  
 Mulher - Vai com o seu ou com o meu carro?  
 Homem - Com o meu.  
 Mulher - Vai com o meu... tem cd player... o seu não!  
 Homem - Não vou ouvir música... vou espairer...  
 Mulher - Tá precisando?  
 Homem - Não sei... vou ver quando sair!  
 Mulher - Demora não!  
 Homem - É rápido... (Abre a porta de casa.)

Mulher - Ei!  
Homem - Que foi agora?  
Mulher - Nossa!!! Que grosso! Vai embora!  
Homem - Calma... estou tentando sair e não consigo!  
Mulher - Porque quer ir sozinho? Vai encontrar alguém?  
Homem - O que quer dizer?  
Mulher - Nada... nada não!  
Homem - Vem cá... acha que estou te traindo?  
Mulher - Não... claro que não... mas sabe como é?  
Homem - Como é o quê?  
Mulher - Homens!  
Homem - Generalizando ou falando de mim?  
Mulher - Generalizando.  
Homem - Então não é meu caso... sabe que eu não faria isso!  
Mulher - Tá bom... então vai.  
Homem - Vou.  
Mulher - Ei!  
Homem - Que foi, cacete?  
Mulher - Leva o celular, estúpido!  
Homem - Prá quê? Prá você ficar me ligando?  
Mulher - Não... caso aconteça algo, estará com celular.  
Homem - Não... pode deixar...  
Mulher - Olha... desculpa pela desconfiança, estou com saudade, só isso!  
Homem - Ok, meu amor... Desculpe-me se fui grosso. Tá.. eu te amo!  
Mulher - Eu também! Posso futricar no seu celular?  
Homem - Prá quê?  
Mulher - Sei lá! Joginho!  
Homem - Você quer meu celular prá jogar?  
Mulher - É.  
Homem - Tem certeza?  
Mulher - Sim.  
Homem - Liga o computador... lá tem um monte de joguinhos!  
Mulher - Não sei mexer naquela lata velha!  
Homem - Lata velha? Comprei pra a gente mês passado!  
Mulher - Tá..ok... então leva o celular senão eu vou futricar...  
Homem - Pode mexer então... não tem nada lá mesmo...  
Mulher - É?  
Homem - É.  
Mulher - Então onde está?  
Homem - O quê?  
Mulher - O que deveria estar no celular mas não está...  
Homem - Como!?  
Mulher - Nada! Esquece!  
Homem - Tá nervosa?  
Mulher - Não... tô não...  
Homem - Então vou!  
Mulher - Ei!  
Homem - O que éééééé, caralho?  
Mulher - Não quero mais sorvete não!  
Homem - Ah é?  
Mulher - É!  
Homem - Então eu também não vou sair mais não!  
Mulher - Ah é?  
Homem - É.  
Mulher - Oba! Vai ficar comigo?  
Homem - Não vou não... cansei... vou dormir!

Mulher - Prefere dormir do que ficar comigo?

Homem - Não... vou dormir, só isso!

Mulher - Está nervoso?

Homem - Claro, porra!!!

Mulher - Porque você não vai dar uma volta para espairecer?

Homem - Ah, vai para a .....

# CONSERVATÓRIO CARLOS GOMES

DESDE 1927

## Cenas de Textos para Seletiva de Teatro

TEXTOS	CANDIDATOS
01) DIÁRIO DE ANNE FRANK (1 CASAL)	
02) A CANTORA CARECA (1 casal)	
03) CALABAR (2 Mulheres)	
04) A MORTE DE DANTON (2 homens)	
05) FIGARO (1 casal)	
06) ESPERANDO GODOT (2 H – 2 M ou 1 casal)	
07) O DELATOR (1 casal)	
08) VAMOS FALAR FRANCAMENTE (1 mulher)	
09) ATOR – MENTADO (1 homem)	
10) DEUS E O DIABO (1 casal ou 2 homens)	
11) HAMLET (1 casal)	
12) LISÍSTRATA A GREVE DO SEXO (2 mulheres)	
13) NO NATALA GENTE VEM TE BUSCAR (2 mulheres)	
14) B... EM CADEIRA DE RODAS (2 homens)	
15) DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA (2 homens)	
16) A CAPITAL FEDERAL (1 homem e 2 mulheres)	
17) A CASA DE BERNARDA ALBA (2 mulheres)	
18) A LIÇÃO (1 casal)	
18) A MULHER SEM PECADO (1 casal)	
19) AS CRIADAS (2 mulheres)	

20) AS TRÊS IRMÃS (3 mulheres)	
21) BENT (2 homens)	
23) DOROTÉIA (2 mulheres)	
24) AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT (2 mulheres)	
25) O BALCÃO (1 casal)	
26) PERDOA-ME POR ME TRAÍRES (2 mulheres)	
27) VIÚVA, PORÉM HONESTA (2 homens)	
28) WOYZECK (1 casal)	
29) LUA NUA (1 Casal)	
30) ALBUM DE FAMÍLIA (2 mulheres)	
31) ELES NÃO USAM BLACK TIE (2 mulheres)	
32) ENTRE QUATRO PAREDES (1 Casal)	
33) BODAS DE SANGUE (1 casal)	
34) GOTA D'ÁGUA (1 casal)	
35) LEMBRANÇAS DA CHINA (1 casal)	
36) MADEMOISELLE CHANEL (1 mulher)	
37) ORQUESTRA DE SENHORITAS (2 mulheres ou 2 homens)	
38) O GRANDE AMOR DE NOSSAS VIDAS (2 mulheres)	
39) ÓPERA DO MALANDRO (1 casal)	
40) CASA DE BONECAS (1 casal)	
41) QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF? (1 casal)	
42) A DANÇA DA MORTE (1 Casal)	
43) SOBRE A INFANTICIDA MARIA FARRAR (1 mulher)	
44) A ESTRELA DA CANÇÃO (1 mulher)	
45) AMÁLIA, ESTRANHA FORMA DE VIDA (1 mulher)	
46) MONÓLOGO DAS MÃOS (1 homem ou 1 mulher)	
47) POEMA DO MENINO JESUS (1 homem ou 1 mulher)	

48) O TEATRO RADICAL ( 1 homem ou 1 mulher)	
49) AMOR (1 mulher)	
50) PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM (1 mulher ou 1 homem)	
51) MONÓLOGO PARA UMA ÚNICA PERSONAGEM (1 mulher ou 1 homem)	
52) LAÇOS DE SANGUE (1 mulher)	
53) O QUE HÁ DE NOVO, BETTE DAVIS? (1 mulher)	
54) RASGA CORAÇÃO (2 homens)	
55) RETIRO DOS SONHOS (1 casal)	
56) RODA VIVA (2 mulheres ou 1 casal)	
57) O ÚLTIMO ENCONTRO (1 casal)	
58) A RESISTÊNCIA (1 Casal)	
59) PEGA FOGO (2 mulheres ou 1 casal)	
60) A DAMA DAS CAMÉLIAS (1 casal)	
61) O ABAJOUR LILÁS ( 1 casal)	
62) CORDÃO UMBILICAL ( 1 casal)	
63) A PARTILHA (2 mulheres)	
64) A SERPENTE (1 casal)	
65) O CASAMENTO SUSPEITO ( 1 casal)	
66) O CAVALINHO AZUL (2 homens)	
67) UMA CONSULTA ( 1 casal)	
68) BRASIL S/A (2 homens)	
69) DIA DE ESTRELA (1 casal)	
70) O MILAGRE NA CELA ( 1 casal)	
71) A ESCADA (2 mulheres)	
72) O SANTO INQUERITO ( 1 casal)	
73) A MORATÓRIA (1 casal)	
74) A BULA (1 casal)	

<b>75) A VISITA DA VELHA SENHORA</b> (1 casal)	
<b>76) VOLTA AO LAR</b> (2 homens)	
<b>77) ARLEQUIM SERVIDOR DE DOIS AMOS</b> (1 casal)	
<b>78) O ARQUITETO E O IMPERADOR DE ASSÍRIA</b> (2 homens)	
<b>79) É</b> (1 casal)	
<b>80) REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL</b> (1 casal)	
<b>81) O RELACIONAMENTO</b> (1 casal)	